

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS – UEA
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE PARINTINS – CESP
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

ROBERLAN MELO DA SILVA

**O TERREIRO DE UMBANDA “JANAÍNA E OGUM BEIRA-MAR” COMO *LÓCUS*
PROPICIADOR DO ENSINO DE CIÊNCIAS: UMA EXPERIÊNCIA COM
CRIANÇAS EM ESPAÇO NÃO-FORMAL.**

Parintins
2018

ROBERLAN MELO DA SILVA

**O TERREIRO DE UMBANDA “JANAÍNA E OGUM BEIRA-MAR” COMO *LÓCUS*
PROPICIADOR DO ENSINO DE CIÊNCIAS: UMA EXPERIÊNCIA COM
CRIANÇAS EM ESPAÇO NÃO-FORMAL.**

Trabalho de conclusão de Curso de Graduação em
Pedagogia, pela Universidade do Estado do Amazonas
apresentado como exigência parcial para obtenção do
grau de licenciado em Pedagogia.

Orientador: Professor MSc: Renner Douglas Gonçalves Dutra

Parintins
2018

ROBERLAN MELO DA SILVA

**O TERREIRO DE UMBANDA “JANAÍNA E OGUM BEIRA-MAR” COMO *LÓCUS*
PROPICIADOR DO ENSINO DE CIÊNCIAS: UMA EXPERIÊNCIA COM
CRIANÇAS EM ESPAÇO NÃO-FORMAL.**

Trabalho de conclusão de Curso de Graduação em
Pedagogia, pela Universidade do Estado do
Amazonas apresentado como exigência parcial para
obtenção do grau de licenciado em Pedagogia.

Aprovado em: ____ / ____ / ____

BANCA EXAMINADORA

Professor MSc. Renner Douglas Gonçalves Dutra.

Universidade do Estado do Amazonas

Avaliadora: MSc. Francisca Keila de Freitas Amoedo

Universidade do Estado do Amazonas

Avaliador: MSc. Diego Omar da Silveira

Universidade do Estado do Amazonas

Parintins
2018

DEDICATÓRIA

Aos meus Avós Vitor e Nila, minha mãe Lucinei, a minha amiga Linéia, e a todas as crianças do Terreiro de Umbanda “Janáina e Ogum Beira-Mar”.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Oxalá pelo dom da vida, por me conceder saúde e sabedoria nesta caminhada, aos meus queridos Guias de Umbanda que nas horas de desespero e incertezas estiveram sempre ao meu lado me dando forças e palavras de incentivo, algumas vezes me “puxando as orelhas”, minha gratidão a todos.

Aos meus avós Vitor Pereira e Nila Melo (*in memoriam*), verdadeiros significados de humildade e fé em minha vida.

A minha mãe Lucinei Melo da Silva, meu maior exemplo de mulher guerreira.

Ao meu tio Tadeu Melo da Silva, minhas tias Maria de Fátima e Francinei Melo, pelo apoio incondicional.

A minha querida Maria Linéia Freire da Silva, por estar sempre ao meu lado, me aconselhando e sempre dando forças para que eu chegasse a esse objetivo, és muito importante em minha vida.

Aos professores que me construíram como acadêmico e são exemplos de profissionais dedicados com a educação, acima de tudo tenho um enorme carinho, amizade e admiração: Gracy Kelly Dutra, Clarice Bianchezzi, Priscila Nascimento, Diego Omar Silveira, João Marinho, Virgílio Nascimento, Camilo Ramos, Mary Tânia Carvalho, Eliseu Souza, Lucélida da Costa, Ruth Cristina Araújo, Simone Souza, Francisca Keila Amoêdo, Gyane Karol.

Ao meu orientador, professor MSc Renner Dutra, exemplo de professor e amigo, minha gratidão por entender minha visão sobre as crianças na Umbanda e me ajudar a trilhar este percurso.

As crianças do “Terreiro de “Janaína e Ogum Beira-mar”, pelo grande aprendizado adquirido na pesquisa.

Aos amigos em especial Romulo Igor pelas ideias e o incentivo atribuído a pesquisa. Aos meus amigos de sala de aula, em especial: Odeilza, Neiva, Dioneia, Renata, Marinilson e Amanda, nossa amizade permanecerá por toda vida.

A Universidade de Estado do Amazonas, por me proporcionar momentos ímpares em minha vida acadêmica e pessoal.

Meu muito obrigado a todos!

“Da diversidade nós gostamos, já que toda unanimidade é burra”

(OLIVEIRA; SGARBI, 2002)

RESUMO

Esta pesquisa tem por objetivo analisar o Terreiro de Umbanda “Janaína e Ogum Beira-Mar” como *Locus* propiciador do Ensino de ciências dentro do Terreiro de Umbanda foi escolhido como um espaço que pode ser subsídio para o cumprimento da Lei 11.645/2008, que estabelece o ensino da história e cultura Africana e Indígena partindo das experiências vivenciadas com as crianças e com outros sujeitos que fazem parte desse ambiente sócio religioso com possibilidade de Ensino de Ciência. Dá-se ênfase aos conhecimentos construídos e compartilhados entre os sujeitos pesquisados, dando relevância ao uso das plantas medicinais na cura de doenças variadas, assim como ressaltando as relações sociais e a significância do convívio entre crianças, adultos e entidades espirituais. O estudo possui o caráter qualitativo, de abordagem fenomenológica e procedimento etnográfico que nos permitiu refletir o fenômeno pesquisado. Desse modo, pode ser constatado que os relatos dos sujeitos evidenciam a influência da Umbanda na Formação de identidade das crianças, assim como o modo de educação que ocorre dentro do terreiro, sendo que a identidade é um processo dinâmico influenciado por meio de vários aspectos humanos. Desta forma, Este estudo fundamenta-se nas teorias de Graue; Walsh (2003), Kramer (2002), Carneiro (2014), Caputo (2012), Jacobucci (2008), Chassot (2003), Bachelard (2005), entre outros. Assim entendemos que a pesquisa contribuiu para uma reflexão sobre o Terreiro de Umbanda como espaço de aprendizagem de Ciência, onde ocorre de fato uma construção de conhecimentos vivenciados e aprendidos de forma oral pelas crianças e adeptos a religião.

Palavras-chave: Umbanda. Crianças. Vivência. Ensino de Ciências.

ABSTRACT

This research aims to analyze the Yard de Umbanda "Janaína and Ogum Beira-Mar" as a conducive conduit for teaching science within the Yard de Umbanda was chosen as a space that can be subsidized for compliance with Law 11.645 / 2008, which establishes the teaching of African and Indian history and culture based on experiences with children and other subjects that are part of this socio-religious environment with the possibility of Teaching Science. Emphasis is given to the knowledge built and shared among the subjects studied, giving relevance to the use of medicinal plants in curing various diseases, as well as emphasizing social relations and the significance of living among children, adults and spiritual entities. The study has the qualitative character, of phenomenological approach and ethnographic procedure that allowed us to reflect the phenomenon researched. Thus, it can be verified that the subjects' reports show the influence of Umbanda in the formation of children's identity, as well as the way of education that takes place inside the Yard, being that the identity is a dynamic process influenced by several human aspects . In this way, this study is based on Graue's theories; Walsh (2003), Kramer (2002), Carneiro (2014), Caputo (2012), Jacobucci (2008), Chassot (2003), Bachelard (2005), among others. Thus we understand that the research contributed to a reflection on the Yard de Umbanda as a space for learning science, where in fact a construction of knowledge lived and learned orally by children and adepts of religion.

Key-words: Umbanda. Children. Experience. Science teaching.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – Criança acendendo vela.....	35
FIGURA 2 - Participação de crianças em sessão no Terreiro.....	35
FIGURA 3 – Crianças brincando com folhas de Xangô.....	36
FIGURA 4 – Crianças brincando com folhas de Xangô.....	36
FIGURA 5 – Presença de Crianças na sessão.....	37
FIGURA 6 – Criança observando atentamente a sessão.....	37
FIGURA 7 – Participação de crianças em festas.....	39
FIGURA 8 – Participação de crianças em festas.....	39
FIGURA 9 – Participação de crianças em festas.....	39
FIGURA 10 – Participação de crianças em festas.....	40
FIGURA 11 – Participação de crianças em festas.....	40
FIGURA 12 – Corrente de oração.....	44
FIGURA 13 – Erva Mucuracaá.....	46
FIGURA 14 – Erva Boldo.....	47
FIGURA 15 – Erva Quebra-pedra.....	47

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1. CAPÍTULO I: REFERENCIAL TEÓRICO	12
1.1 Sobre a Religião: aspectos discursivos sobre os conceitos	12
1.2 O conceito de Cultura: contribuição para o entendimento do fenômeno religioso	14
1.3 Das culturas híbridas à religião brasileira - Umbanda	18
1.3.1 Características fundamentais da Umbanda – oralidade e as linhas.	20
1.4 As Crianças no Terreiro: da invisibilidade à valorização social do sujeito	21
1.5 Do Senso Comum à Ciência: um diálogo possível com as crianças	24
1.5.1 Ensino de ciências segundo a Base Nacional Comum Curricular: relação entre ciência e os diferentes tipos de conhecimentos.	26
1.5.2 Terreiro de Umbanda em questão: O Ensino de Ciências em Espaço Não-Formal.	28
2. CAPÍTULO II: DE PÉ NO CHÃO DAMOS INÍCIO A CAMINHADA: O PERCURSO METODOLÓGICO A PARTIR DO TERREIRO DE UMBANDA	30
2.1 Terreiro de Umbanda “Janaína e Ogum Beira-Mar”: o contexto da pesquisa em destaque	32
3. CAPÍTULO III: ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	34
3.1 Infância e Saberes: As relações sociais na Umbanda na construção da identidade infantil	34
3.1.1 Dançando e cantando: participação das crianças nas festas no terreiro de Umbanda.	38
3.2 “Ah! eu não sei muito, só sei que...”: Entre os saberes milenares dos índios e dos negros, o conhecimento acontecendo no Terreiro de Umbanda	41
3.3 “Tanta folha, tanta semente, tanta ciência no pé da Jurema”: Do Terreiro a Ciência um processo de Ensino/aprendizagem dinâmico	44
3.3.1 As plantas e suas funcionalidades: aspectos religiosos e científicos sobre algumas ervas utilizadas no Terreiro de Umbanda.....	45
3.4 Reflexões sobre o Terreiro de Umbanda como espaço de aprendizagem: subsídios para dar suporte a Lei 11.645/2008	49
BREVES CONSIDERAÇÕES	50
REFERÊNCIAS	52
APÊNDICE A– TERMO DE CONSENTIMENTO DE DEPOIMENTO E USO DE IMAGEM	56
ANEXOS	57

INTRODUÇÃO

A diversidade cultural do Brasil é responsável por criar a identidade do seu povo e essas diferenças surgem a todo o momento em uma relação de diálogo nos mais diferentes espaços da sociedade. Por isso, cada cultura traz consigo um leque de aspectos referentes à identidade vivida pelo sujeito, destaca-se, pois, que um dos aspectos da cultura identitária é a questão religiosa, onde podemos perceber uma variedade de ideologias.

Destacar a diversidade religiosa é dar valor a nossa cultura, pois a devoção aos santos juntamente com os traços advindos da religiosidade indígena e africana, fazem parte do nosso cotidiano. Na sociedade atual parintinense, ainda encontramos muitas formas de preconceitos contra os adeptos da religião Umbandista, o que causa discriminação é a falta de conhecimento e a postura etnocêntrica tomada pelas pessoas participantes de credos dominante. Diante estas observações temos como problemática: Como o Terreiro de Umbanda pode propiciar o ensino de Ciências evidenciando a vivência das crianças nesse ambiente religioso?

Diante da problemática acima mencionada e principalmente como educador, contudo, deve-se entendermos que a pesquisa foi necessário, pois buscou estabelecer uma visão educativa na perspectiva interdisciplinar, pois desta forma conhecemos as diversidades culturais que nos circundam e as quais, devemos estabelecer articulações para compreendermos como as crianças se inserem neste espaço sócio religioso; destacando que elas, possuem uma bagagem própria de conhecimentos advindos do seio da família, do espaço sociocultural onde estão inseridas, da religião enfatizando as relações de alteridade.

Assim, à luz dos fatos mencionados, este estudo objetiva analisar o Terreiro de Umbanda como espaço propiciador de Ensino de Ciências, evidenciando a vivência das crianças nesse ambiente sócio religioso que nos Logo, para entendermos melhor o Terreiro de Umbanda como espaço de aprendizagens, parte-se dos seguintes objetivos específicos: Conhecer o aspecto histórico na formação da Umbanda como religião brasileira; Analisar a influência da religião Umbandista na construção da identidade das crianças; Estabelecer como se dá o processo de Educação em Ciências em um Terreiro de Umbanda.

No que tange a metodologia utilizada, ressalta-se que a pesquisa possui o caráter qualitativo, a abordagem é fenomenológica e o procedimento é do tipo etnográfico. Aliado a esses fatores, solicitou-se aos pais e aos responsáveis das crianças a autorização para a participação neste trabalho. Os sujeitos estão destacados com nomes fictícios referentes as

entidades Erês da Umbanda, cada criança teve a autonomia na escolha do nome fictício, são eles: Pedrinho (08 anos), Flechinha (12 anos), Luizinho (08 anos), Joãozinho (07 anos), Zezinho (05 anos), Pepita (10 anos), Mariazinha (04 anos) e Aninha (06 anos). Em relação aos maiores de dezoito anos, seus nomes foram mantidos, assim como de algumas entidades que ao decorrer da pesquisa houve a necessidade de trazer suas vozes.

Feito isso, o trabalho estrutura-se em três seções: A primeira parte é o referencial teórico que traz a discussão sobre: religião; cultura; a valorização da criança como sujeito social; o diálogo entre senso comum e ciências; Ensino de ciências segundo a BNCC¹; Ensino de Ciências em Espaço não-formal. Na segunda trazemos o percurso metodológico e na terceira parte do trabalho analisamos os resultados da pesquisa, discutindo as relações sociais que influenciam na construção de identidade infantil; as participações das crianças em festas do Terreiro; os saberes socializados no processo de aprendizagem no ambiente religioso; as plantas e seus aspectos religiosos e científicos, encerrando com uma breve discussão sobre o Terreiro de Umbanda como suporte a lei 11.645/2008. Este estudo fundamenta-se nas teorias de Graue; Walsh (2003), Kramer (2002), Carneiro (2014), Caputo (2012), Jacobucci (2008), Chassot (2003), Bachelard (2005).

¹ Base Nacional Comum Curricular.

1. CAPÍTULO I: REFERENCIAL TEÓRICO

Neste debate teórico traremos discussões em relação ao conceito de religião e cultura para entendermos a Umbanda na categoria de religião. Falaremos do histórico da Umbanda e suas características formadoras. Enalteceremos a criança como sujeito social e partindo de um olhar pedagógico dialogaremos entre os saberes do senso comum e a ciência, trazendo a discussão sobre ciência em espaço não formal.

1.1 Sobre a Religião: aspectos discursivos sobre os conceitos.

Para dialogarmos com a Umbanda se faz necessário compreendê-la na categoria de religião. Nesse viés, no primeiro tópico discute-se o conceito e as características intrínsecas ao conjunto religioso.

Baseado em Abbagnano (2007) no verbete Religião, apresenta que etimologicamente sua derivação vem do termo *relegere*, definindo assim, aqueles que cumpriam cuidadosamente todos os atos do culto divino. Que reliam atentamente os livros sagrados e por isso foram denominados de religiosos e cumpriam as obrigações. Tais obrigações seriam pautadas na crença da garantia sobrenatural de salvação e técnicas destinadas a obter e conservar essa garantia. Tais técnicas estão relacionadas às ações e práticas do fazer religioso como: sacrifícios, orações, festas de devoção, entre outros.

Desde os tempos mais remotos, a religião sempre esteve presente na mais simples essência de costumes do homem; independentemente de seu credo ou manifestação do mesmo, converge em ter para si uma diferente visão do mundo, em relação ao mundo não religioso. Por meio da família e a comunidade, todos eram educados, conforme a crença que os rodeavam, “por meio de relatos de milagres, aparições, visões, experiências místicas, divinas e demoníacas e que neste universo encantado e maravilhoso se revela um poder espiritual” (ALVES, 2008, p.03). A perspectiva indicada pelo teórico ressalta o conhecimento adquirido pelo diálogo cultural.

Entre as divergências de conceitos apresentados pelas várias religiões, há de se destacar a ideia inerente a todas elas, a de dar sentido à existência humana. Em meio a um mundo onde o capital e as desigualdades sociais se fazem presentes refletimos a vida humana, na maioria das vezes, de forma negativa. A religião mantém o sentimento de esperança, atribuindo à vida um significado de felicidade.

A religião se mantém viva principalmente no seio familiar, transmitindo os conhecimentos e doutrinas de suas práticas de geração a geração. No dizer de Alves (2008, p.10) é: “Em meio a esse mundo conturbado que o próprio homem construiu, a religião é reflexo da insatisfação humana diante de sua realidade. Tal insatisfação gera sentimento de tristeza, angústia, em meio a essa turbulência do mundo material”. O autor refuta que a religião é a representação de uma utopia real, pois busca por meio desta dar um sentido significativo a sua vida, tornando-se o reflexo oposto à insatisfação, um espelho positivo diante das adversidades.

Diante dessa discussão que relaciona a religião com a utopia da felicidade, nos perguntamos: o que é religião? Qual seu sentido para o homem que a cultua?

Para Alves (2008, p.10), a religião se apresenta como: “teia de símbolos, rede de desejos, confissão da espera, horizonte dos horizontes, a mais fantástica e pretensiosa tentativa de transubstanciar a natureza”. O mundo religioso é um abstruso aparato de crenças sagradas, que abrange tanto o imaginário como o material relacionado ao ser humano. Percebe-se claramente esta crença materializada nos santuários, altares, rezas, renúncias, canções, festas, objetos e adorações entre outras características do homem religioso.

A religião nasce “com o poder que os homens têm de dar nomes às coisas [...] a religião nos apresenta como certo tipo de fala, um discurso, uma rede de símbolos” (ALVES 2008, p.10). Com a construção dessa rede de símbolo, o ser humano oportuniza a construção de barreiras contra um mundo “frio” entregue ao caos e traz o sagrado como categoria primordial do mundo. A essa capacidade do ser humano de dar nomes as coisas e apresentá-las como diferentes é que Eliade (1992) distingue como sagrado e profano:

O homem toma conhecimento do sagrado porque este se manifesta, se mostra como algo absolutamente diferente do profano [...] a manifestação de algo “de ordem diferente” – de uma realidade que não pertence ao nosso mundo – em objetos que fazem parte integrante do nosso mundo “natural”, “profano” [...] são hierofanias (ELIADE, 1992, p.09).

A Hierofania está relacionada à experiência religiosa, onde toda a natureza está suscetível ao sagrado, como manifestação do mesmo, através de elementos naturais como água, pedra ou outros objetos da natureza. Salientarmos que o ser humano é diferente e para cada religião são adotados símbolos díspares, no entanto com a mesma “função” de tornar sagrado o espaço humano, transformando-o em religioso: “há aqueles que fazem amizade com a natureza e reconhecem de que dela recebem a vida” (ALVES, 2008, p.12). Usam e manipulam os elementos da natureza de forma respeitosa. Como diz este autor: “Há também

os companheiros da força e da vitória, que abençoam as espadas, as correntes, os exércitos e o seu próprio riso. Há os sofreadores que transformam os gemidos dos oprimidos em salmos, as utopias da paz e dá justiça eterna” (ALVES, 2008, p.12).

Toda essa visão sagrada do mundo remete a luta por valores, onde a religião concebe o ser humano na perspectiva de objetivos melhores, movidos pelo desejo onde os sonhos são o alimento, o ecoar dos anseios. Concordamos com o autor quando afirma: que "a religião é o solene desvelar dos tesouros ocultos do homem, a revelação dos seus pensamentos mais íntimos, a confissão pública dos seus segredos de amor” (ALVES, 2008, p. 44). A religião reflete a mais pura essência do ser humano como ser de felicidade, transborda através de suas doutrinas e leis que para o mesmo, irá melhorar o mundo profano e, conseqüentemente, a sua vida. Mas cada religião reflete o valor do próprio ser humano e sua crença sobre Deus que será exatamente sua autoconsciência.

Referenciado por Scott (1997) que amplia o entendimento quando traz sua posição, enaltecendo a religião como um sistema de relações sociais, organizada por instituições com regras próprias. No entanto, ressalta as visões de mundo, os valores e as experiências partilhadas em sociedade.

Outra contribuição foi trazida por Geertz (1996), a partir da ideia de que a religião também é um sistema, porém de símbolos, que constitui sentimentos e concepções de ordem unânime a determinada comunidade. Tal comunidade explicita Durkheim (2001) é um tipo de sistema unificado de crenças, que engloba seus adeptos num grupo moral agregado.

Contudo, podemos afirmar que a religião é um sistema complexo recheado de ritos e crenças. Cada ideologia é defendida por grupos humanos, pautados em suas visões de mundo. Essas formas de entender o mundo como sagrado estão entrelaçadas a um aparato de regras, doutrinas e com utopia de um mundo melhor. Essas notas características de religião universal encontra-se também na Umbanda através de sua expressão cultural.

1.2 O conceito de Cultura: contribuição para o entendimento do fenômeno religioso.

Durante muito tempo o conceito preponderante de cultura foi o civilizatório, fundamentado no etnocentrismo europeu (europocêntrismo) levando a crer que outros povos que não estivessem no círculo cultural como indígenas e africanos estavam classificados como selvagens e subalternos.

Essa visão no decorrer dos séculos começou a ser quebrada quando com o advento das novas ciências, principalmente dos estudos antropológicos, que compreendem a cultura em

suas ideias e vertentes, de modo que não se pode hierarquizar as culturas, devido a multiplicidade de critérios constitutivos das mesmas. O número diverso de culturas segue a própria multiplicidade histórica (SANTOS, 2008). A esse respeito, Laraia (2001, p.10) ressalta que “essas diferenças se explicam, antes de tudo, pela história cultural de cada grupo”. Em sua historicidade, cada povo possui suas características próprias de relação com a natureza e com os indivíduos formadores de uma sociedade.

Compreender o conceito de cultura nos faz refletir a religião como um campo cultural, onde há doutrinas e formas ímpares de espisar o mundo. A variação cultural reflete a multiplicidade da existência religiosa dos povos. Falar em diferenças culturais é tratar de distintas percepções, para alguns visto como dogmas religiosos. A cultura em si, transfere ao ser religioso costumes e crenças advindas do meio social.

Assim é que buscamos explicitar a cultura como contribuição ao entendimento do fenômeno religioso em meio a essa vasta arena de contestações nos trazendo uma compreensão de cultura que nos remete pensar em diferentes formas de organização social, díspares em seus modos de expressar a sua realidade, entendemos ainda que a religião é um campo peculiar da expressão cultural, que remete as práticas e costumes de cada povo com a ideia do sagrado.

A cultura em geral está marcada por diversos momentos de conflitos o que gera uma dinamicidade como característica ímpar dessa realidade. “Assim, cultura diz respeito à humanidade como um todo e ao mesmo tempo a cada um dos povos, nações, sociedades e grupos humanos” (SANTOS, 2008, p.07). Cada realidade cultural possui sua coerência interna, onde seus costumes e práticas devem ser conhecidas e entendidas de acordo com suas experiências existenciais.

Enaltecemos como característica da cultura o repasse de conhecimento entre gerações. Laraia (2001, p.24) esclarece, “o homem é o resultado do meio cultural em que foi socializado. Ele é um herdeiro de um longo processo acumulativo, que reflete o conhecimento e a experiência adquirida pelas numerosas gerações que o antecederam”. O que ocorre neste aspecto é a educação ocorrida no espaço sociocultural, onde as antigas e novas gerações vivem em constante diálogo, ocasionando uma educação cultural, onde os costumes, práticas, crenças e todo aparato social de determinada sociedade/comunidade será mantido como base para a formação das gerações. No entanto, destacamos que toda cultura está em constante contato com culturas diferentes, ocasionando sempre mudança em seus aspectos. Alves (2008, p.08) concorda com este pensamento, pois:

A cultura, nome que se dá a estes mundos que os homens imaginam e constroem [...] É necessário que os mais velhos lhes ensinem como é o mundo. Não existe cultura sem educação. Cada pessoa que se aproxima de uma criança e com ela fala, conta estórias, canta canções, faz gestos, estimula, aplaude, ri, repreende, ameaça, é um professor que lhe descreve este mundo inventado, substituindo, assim, a voz da sabedoria do corpo, pois que nos umbrais do mundo humano ela cessa de falar.

A cultura está inteiramente relacionada ao modo de educação desejada. Nos mais simples gestos a criança está sendo construída de acordo com sua cultura. Na religião encontramos aspectos fundantes a essa característica cultural dos povos, o conhecimento religioso, as práticas religiosas, as doutrinas. Todo o conjunto de crenças é herdada pela nova geração por intermédio da educação familiar e social, preservando maneira cultural religiosa do povo a que pertence. Santos (2008, p.10) compreende que “cada cultura é o resultado de uma história particular, e isso inclui também suas relações com outras culturas, as quais podem ter características bem diferentes”.

Essa relação retrata o aspecto dinâmico da cultura que tem por essência a relação da sociedade com a natureza entre seus membros. O autor destaca que “cultura diz respeito às festas e cerimônias tradicionais, às lendas e crenças de um povo, ou a seu modo de se vestir, à sua comida, a seu idioma” (SANTOS, 2008, p.19). Essa assertiva sobre cultura se especifica ao conhecimento, crenças e opiniões de um povo, é a própria característica existencial que está relacionada ao modo de organização da vida social, assim como a seus aspectos materiais.

Ao se tratar de cultura como dimensão da realidade social, essa visão perpassa vários aspectos de uma sociedade, como conceitos, princípios, ensinamentos, práticas cotidianas e rituais. Todos esses aspectos característicos de uma determinada sociedade ou grupo estará interligado ao seu modo particular de expressão da arte, do esporte, da religião, política. Santos (2008, p.36) argumenta que “essa dimensão é a do conhecimento num sentido ampliado, é todo conhecimento que uma sociedade tem sobre si mesma, sobre outras sociedades, sobre o meio material em que vive e sobre a própria existência”. Em se tratando de religião esse conhecimento não se mede pelo significado de uma única divindade, mas a importância do conjunto de concepções, organização e expressão da religião em sociedade.

Podemos pensar que a religião é uma ramificação de um conjunto complexo, denominado “cultura”, ela reflete e influencia o modo de como o ser humano religioso produz sua própria cultura. Em seu contexto a cultura torna-se um produto histórico-coletivo. Santos (2008, p.39) esclarece que, “lendas ou crenças, festas ou jogos, costumes ou tradições - esses fenômenos não dizem nada por si mesmos, eles apenas o dizem enquanto parte de uma cultura

(vivência), a qual não pode ser entendida sem referência à realidade social de que faz parte”. Todos os aspectos culturais fazem parte de uma realidade e jamais pode ser considerado isolado.

Laraia (2001) contribui ao salientar que:

Culturas são sistemas (de padrões de comportamento socialmente transmitidos) que servem para adaptar as comunidades humanas aos seus embasamentos biológicos. Esse modo de vida das comunidades inclui tecnologias e modos de organização econômica, padrões de estabelecimento, de agrupamento social e organização política, crenças e práticas religiosas, e assim por diante (LARAIA, 2001, p.31).

Podemos perceber que tanto Laraia (2001) como Santos (2008) compartilham maneiras semelhantes ao pensar o que é cultura, tratando-se de uma dimensão social dinâmica que inclui diversas particularidades como a própria religião, a política, o modo de ver o mundo, a organização da família entre outros aspectos, sendo que a dinâmica é característica dessa dimensão da vida social. Na cultura nada é simples, pois os aspectos como religião, política, as leis, os costumes e outros formam a sociedade e cada componente possui sua importância, manifestando sua complexidade.

Dessa forma, não podemos hierarquizar as culturas, pois cada uma possui um aspecto histórico distinto da outra e a diferença será o ponto culminante entre elas. O fenômeno religioso partilha desse aspecto, pois ele refletirá a experiência de cada grupo social, seu contexto histórico, suas doutrinas, cultos, o modo de ver o mundo. Outro aspecto em que a cultura nos faz entender a religião, está relacionado à educação em sua tridimensionalidade – informal, formal e não formal. Desta forma, podemos afirmar: não existe cultura sem educação e não existe religião sem educação, ainda que prevaleça a informal, onde os princípios religiosos são compartilhados entre familiares ou grupo social.

Se pensarmos cultura principalmente pelo viés da realidade social, veremos sua complexidade como característica fundante, pois mesmo está sendo aspecto da cultura, ela pode ser vista a partir dessa dimensão. Não deve ser vista como sendo uma mera representação de utopia, mas a concebendo como princípios, ensinamentos e também como práticas de rituais. Todo este aparato religioso refletirá a própria ação do ser humano sobre a natureza. O modo de como produzirá sua cultura tem base em sua religiosidade.

Assim, podemos conceber que a cultura será a própria expressão da religião, do ser humano religioso. E o que pode explicar o fenômeno religioso? São os próprios contextos e particularidades históricas de cada cultura.

1.3 Das culturas híbridas à religião brasileira - Umbanda.

Com o processo do “descobrimento” e colonização do Brasil, ocorreu o encontro cultural, e o embate de três concepções religiosas: o catolicismo do colonizador, as crenças dos indígenas que se encontravam no território e as diversas formas de cultos advindos das etnias africanas. Todo esse processo caracterizou-se pela repreensão dos missionários aos cultos indígenas e africanos, ocorreu de fato o preconceito e o julgamento, colocando a forma europeia de entender a religião, como verdade absoluta. Silva (1994, p.35) argumenta “Por esses princípios a magia africana era vista como prática diabólica pelas autoridades eclesásticas, como já havia ocorrido com as religiões indígenas”. Com essa posição os domínios cristãos estavam no controle ideológico, toda e qualquer manifestação diferente da cristã era abolida de forma violenta ou apaziguada através dos ensinamentos do catecismo.

As religiões afro-brasileiras são provenientes de segmentos marginalizados da sociedade, nosso contexto histórico revela isso através da própria escravidão, fato verídico vivenciado por povos indígenas de nossa terra e negros escravos vindos do continente africano. O Candomblé², a Umbanda³, o Tambor de Mina⁴, são exemplos de religiões afros que sofreram e sofrem exclusões por grande parte da sociedade brasileira, por apresentarem em seus ritos características diferentes do arquétipo oficial de religião predominante, na grande maioria, são julgadas como “magia negra”, dando a entender como formas de cultos de maldade.

A fundação da Umbanda como religião perpassa várias teorias, diversos estudiosos do assunto relatam que existem várias abordagens em relação a origem da Umbanda, segundo Carneiro (2014, p.66), podemos analisar três presunções:

A umbanda foi fundada em 1908 pelo médium Zélio Fernandino de Moraes ao incorporar o Caboclo das Sete Encruzilhadas.

A umbanda não seguiu com uma única pessoa, mas que se tratou de um movimento coletivo, espalhado pelos vários estados do Brasil e concentrado na região sudeste a partir dos rituais denominados macumbas.

A umbanda aparece entre as décadas de 1920 e 1930 com uma religião nova, ajustada aos padrões de urbanização e industrialização de uma sociedade que saía de

² Candomblé é uma religião de matriz africana onde se cultuam os orixás, voduns ou nkisis, dependendo da nação.

³ **Religião Afro-Brasileira** constituída por elementos de outras religiões como o catolicismo, espiritismo e elementos da cultura africana e indígena.

⁴ A nomenclatura Tambor de Mina é a mais assertiva para as religiões afro-brasileiras que se desenvolveram nos estados do Pará, Amazonas e Maranhão, preserva semelhanças com outras religiões africanas que se desenvolveram no Brasil como o Candomblé, Batuque e Jarê. Trata-se de uma religião em que a possessão está presente assim como tem fases de transe.

um passado agrícola e buscava encontrar seu espaço na Modernidade com uma identidade própria.

Em relação ao mito fundante de que a Umbanda foi estabelecida pelo médium Zélio de Moraes, existe o relato que no dia 15 de novembro de 1908, através da incorporação da entidade Caboclo das Sete Encruzilhadas, dá-se início a uma nova religião cuja característica é o respeito a todas as diferenças e pautada na caridade ao próximo. Os pesquisadores adotam a terminologia de “mito”, pois não existem veracidade concretas sobre esse fato, o que academicamente não tem muito valor de pesquisa, no entanto, diz Carneiro (2014, p. 68), “Esse breve relato do mito fundante deve ser respeitado na sua condição apresentada, a mítica. Classificações do tipo ‘verdadeiro’ ou ‘falso’ não cabem. Trata-se de uma questão de fé para quem acredita ou não em tal relato”.

Cabe salientarmos a importância de Zélio de Moraes para a Umbanda, não no mote de ser considerado como fundador da Umbanda, mas sim uma das escolas de Umbanda, pois a pluralidade da religião nos faz pensar em diferentes Umbandas, todas pautadas em um valor central, a caridade (CARNEIRO, 2014).

A respeito da construção coletiva da Umbanda, no início do século XVIII, já havia cultos que envolviam elementos africanos, portugueses e indígenas onde com a presença de espíritos se realizavam curas, adivinhações, danças, por conseguinte um aspecto da Umbanda, sem a presente designação (CARNEIRO, 2014).

Carneiro (2014) explica que a terceira compreensão está relacionada a reinterpretação da prática da macumba, por parte da população preocupada com a constituição de uma religião brasileira. Surgem as federações nos meados de 1920 a 1930, responsáveis por negociar politicamente a liberdade dos terreiros na sociedade brasileira. Estes fatos nos fazem entender que a Umbanda surge em meio às diferenças de raça, cor e posição social, essa posição compartilhada por Silva ao defender que:

Essa religião refletia os anseios de reconhecimento dos seguimentos marginalizados (negros, índios, prostitutas, estivadores – pobres em geral) e as possibilidades de acomodação desses anseios numa sociedade urbana e industrial, marcada por desigualdades [...] onde os valores da cultura dominante branca continuavam a ser os mais influentes. (SILVA, 1994, p.114).

A religião refletia neste aspecto a formação a partir das diferenças, no intuito de cada grupo excluído almejar um espaço na sociedade. A própria Umbanda trouxe como diferencial a aceitação de espíritos ditos atrasados por doutrinas Kardecistas (pretos velhos, índios), ao

seu panteão de entidades, “Essas entidades, a princípio caboclos e pretos-velhos, representam os espíritos dos índios brasileiros e escravos africanos, tornaram-se centrais na nova religião, proclamando sua missão de irmanar todas as raças e classes sociais que formaram o povo brasileiro” (SILVA, 1994, p.111). É nessa conjuntura que surge a Umbanda com a ideação de unir as diferentes raças e culturas, criando dessa forma uma harmonia social.

Com esse posicionamento a Umbanda mostra através de seu próprio culto a possibilidade de integrar as três raças, a exemplo temos os médios desenvolvidos, que a incorporam em uma única sessão espíritos de negro, branco e índio, fazendo desaparecer todas as diferenças, exaltando as especificidades e a importância de cada um para a religião. Suscintamente Rivas Neto (2009, p.53) diz, “tal religião é uma unidade que se manifesta na diversidade, portanto, em contínua construção”.

1.3.1 Características fundamentais da Umbanda – oralidade e as linhas.

A oralidade possui um papel fundamental na Umbanda, assim como em outras religiões afro-brasileiras, de modo que é possível preservar os costumes e doutrinas religiosas. Diferente de outras religiões a Umbanda não possui um livro sagrado, onde sua doutrina esteja unificada, como característica diferenciada, cada terreiro ou seara é autônoma.

A figura de “Pai ou Mãe de Santo⁵” possui autonomia para reger as doutrinas, no entanto existe um pilar de valores que é a caridade, como indica Palleari (1999, p.204), “O elemento que permite uma rearticulação de forças antagônicas é a caridade. É ela que possibilita uma harmonia entre opostos. É um elo imprescindível de equilíbrio e inclusão. Daí a ênfase dada na Umbanda à caridade”. A prática da caridade é o momento ápice do ritual da Umbanda, os espíritos descem em seus “aparelhos⁶” para ajudar as pessoas necessitadas, seus conhecimentos possibilitam acudir em várias ocasiões como doenças e perturbações espirituais, através da caridade o espírito cumpri sua missão.

Na Umbanda acredita-se em uma força criadora, um Deus supremo, dependendo da vertente africana pode ser chamado de maneiras diferentes, como *Olorum*⁷ (proveniente dos mitos Iorubanos), ou *Zambi* (provenientes dos mitos das nações *Bantu*) (AZEVEDO, 2009).

Em relação às entidades da Umbanda Silva explica que:

⁵ Líder Espiritual.

⁶ Uma das denominação dada as pessoas que recebem as entidades.

⁷ Para melhor compreensão, ver AZEVEDO, Janaína. **Tudo que você precisa saber sobre Umbanda. Universo dos Livros.** São Paulo, 2009.

As entidades situam-se a meio caminho entre a concepção dos deuses africanos do candomblé e os espíritos dos mortos dos kardecistas. Os orixás, por exemplo, são entendidos e cultuados com outras características. Sendo considerados espíritos muito evoluídos, de luz, tornaram-se uma categoria mítica muito distante dos homens, só ocasionalmente descem à terra e mesmo assim apenas na forma de “vibração” (SILVA, 1994, p.120).

Em sua organização, a Umbanda instituiu a classificação das entidades através da teoria das “linhas”, segundo a doutrina existem sete linhas, cada uma dirigida por um Orixá regente, formadas por falanges ou legiões de espíritos destinados para o trabalho espiritual. As linhas são: linha de Oxalá, Linha de Ogum, Linha de Oxóssi, Linha de Xangô, Linha de Iansã, Linha de Iemanjá e a sétima Linha das Almas (SOUZA, 2002). Cabe destacarmos que essas linhas não são unanimidade para todas as regiões, algumas linhas são acrescentadas outras são retiradas do culto, dependendo da doutrina do terreiro, é verificável a presença de linhas como de: Oxum, Omulú/Obaluaê, entre outras.

No plano espiritual abaixo dos orixás vem os espíritos menos evoluídos, exemplo: os Caboclos⁸, Pretos Velhos⁹, Erês¹⁰, Pomba Giras e Exús¹¹, cada entidade possui nome próprio, remetem aos seguimentos da sociedade brasileira, representando povos de diferentes culturas, como indígena (caboclos) e escravos (pretos velhos).

Na cosmovisão umbandista acredita-se que a alma é imortal, há a crença na reencarnação e evolução do espírito que esteja em algum plano espiritual. A Umbanda representa as forças da natureza, representada em cada orixá, é liberdade e respeito as diferenças, é a expressão da caridade carnal e espiritual.

1.4 As Crianças no Terreiro: da invisibilidade à valorização social do sujeito.

A valorização da criança como sujeito social perpassa por momentos históricos divergentes, que vão desde uma concepção simples e ignorante sobre criança como ser não pensante/ falante (*enfant*), ou de uma visão onde a criança é valorizada socialmente, sendo um ser detentor de direitos sociais. Foi buscando compreender o lugar das crianças no Terreiro de Umbanda que demos sentido a nossa pesquisa.

⁸ Entidades Espirituais que se apresentam como indígenas, possui um vasto conhecimento sobre o uso das ervas.

⁹ Entidades Espirituais que se apresentam como um senhor idoso negro (antigos ancestrais africanos), usualmente nas sessões bebem café e fumam cachimbo.

¹⁰ Entidades Espirituais estereotipadas como crianças, esbanjam alegria e são apaixonados por doces.

¹¹ Também conhecidos como compadres e comadres da Umbanda, geralmente as cores predominantes são o preto e o vermelho, gostam de danças, trabalham para negócios e situações amorosas.

Sobre a História social da Criança, Áries (2006) destaca que durante a idade média, a infância era apenas uma fase, não tão importante para a formação das pessoas, as principais características alavancadas nesse período era o fenômeno orgânico da nascença dos dentes. A criança, em momento algum, tinha um destaque na sociedade, muito menos seus pensamentos eram levados em consideração, era na verdade um pequeno “animal” domesticável.

Cohn (2005) esclarece que todos os modos de pensar a criança partiam de uma visão negativa, como mera tábula rasa a ser instruída ou um “demoniozinho” a ser domado, em todas as maneiras a discriminação da criança era o reflexo de uma sociedade injusta e cega em termos de infância.

Diante desses pensamentos inábeis ao entendimento do contexto da criança e infância, algumas ciências como: a sociologia e antropologia vieram nortear a importância da valorização dessa fase da vida, muitas conquistas no campo da pesquisa sobre a criança, tornaram-se possíveis com a mudança de pensamento sobre essa temática. Para isso Cohn (2005, p. 06), ressalta que “Precisamos nos fazer capazes de entender a criança e seu mundo a partir do seu próprio ponto de vista [...]”. Dando a criança autonomia e voz para entendermos seu pensar em relação ao contexto cultural que faz parte. Essa atitude nos desliga daqueles conceitos preconcebidos tratados no início da discussão.

A sociologia da infância e a antropologia da criança trazem a contribuição de tentar perceber o fenômeno em seu contexto sociocultural, entendo que a criança faz parte de um sistema de relações simbólicas e o melhor meio de analisar este fenômeno, é partindo das particularidades de seu contexto (COHN, 2005). Tendo como base uma perspectiva social e histórica Simas (2011, p.20) diz “é possível perceber que um novo cenário surgiu – a criança saiu do anonimato e ganhou um novo status social”. Esse status traz a valorização das crianças na sociedade, como destaca Sarmento; Pinto (2010):

A partir da década de 90, ultrapassou os tradicionais limites da investigação confinada aos campos médico, da psicologia do desenvolvimento ou da pedagogia, para considerar o fenômeno social da infância, concebida como uma categoria social autônoma, analisável nas suas relações com a ação e a estrutura social (SARMENTO; PINTO, 2010, p.01).

A mudança de olhar sobre a criança relaciona-se com o modo de perceber a infância, se nos dias atuais, o ser criança é detentora de direitos e importância na sociedade, pelo menos em leis, cabe ressaltarmos que todo esse processo é histórico, havendo muitos conflitos de ideias e visões deturpadas sobre esta etapa da vida.

O ser criança não é uma fase (infância) intacta, a cultura influencia e difere o entendimento de criança, Cohn (2005, p.14) ressalta “O que é ser criança, ou quando acaba a infância, pode ser pensado de maneira muito diversa em diferentes contextos socioculturais”. As vivências se diferem de lugar para lugar, não podemos generalizar a infância, se os contextos são diferentes, as experiências das crianças em sua infância será dessemelhante.

Esta autora relata como exemplo a criança Xikrin, que é considerada criança até o momento que tem um filho, com a vinda de outro ser a responsabilidade será outra em relação a vida na aldeia. É importante essa ênfase, pois na Umbanda as crianças estão inseridas em um contexto diferente da maioria das pessoas, contexto que possui suas características e maneiras de tratá-las.

Nessa perspectiva Sarmiento e Pinto (2010, p.04) acrescentam “Assim ‘ser criança’ varia entre sociedades, culturas e comunidades, pode variar no interior da fratria de uma mesma família e varia de acordo com a estratificação social [...] varia com a duração histórica e com a definição institucional da infância dominante em cada época”. Ressaltamos que, a infância é diferentemente construída, não se trata de uma experiência análoga, mas distinta conforme os “mundos” infantis.

A sociologia e antropologia dialogam em um mesmo conceito, quando afirmam que a criança é um ator social, Cohn (2005) enaltece:

Reconhecê-la é assumir que ela não é um ‘adulto em miniatura’, ou alguém que treina para a vida adulta. É entender que, onde quer que esteja, ela interage ativamente com os adultos e as outras crianças, com o mundo, sendo parte importante na consolidação das relações (COHN, 2005, p.17).

A criança é considerada como ator social, não um ator que representa um papel pronto e acabado, mas um ator que participa das relações, exercendo um papel ativo na sociedade. Noronha (2010, p.56) colabora afirmando “Sob o prisma da Sociologia da Infância, as crianças são reconhecidas como atores sociais, assim a participação destas na vida coletiva é de fundamental importância para a construção de mundos de vida significativo para todos os membros da sociedade”. Nesse sentido a criança tem sua importância, o enfoque traz uma reflexão do papel de construção que a criança exerce na sociedade, dar voz a elas é enaltecer pontos de vistas diferentes, no entanto experiências ricas do ponto de vista sociológico de produções simbólicas próprias das crianças.

Sarmiento e Pinto (2010, p.06) dão legitimidade ao “reconhecimento da capacidade de produção simbólica por parte das crianças e a constituição das suas representações e crenças

em sistemas organizados, isto é, em culturas [...]”. Essa produção simbólica está relacionada a capacidade das crianças de formular/construir um novo sentido aos aspectos socioculturais como: conhecimentos, crenças, costumes e toda gama social em que fazem parte. As acepções elaboradas pelas crianças são qualitativamente distintas dos adultos, não são errôneas, mas possuem suas próprias particularidades de interpretação.

O significado de criança e infância pode se distinguir de cultura para cultura, a importância de alavancar essas diferenças se dá na valorização das particularidades de cada sociedade ou grupo. O conhecimento, a educação, a crença, todo o aparato cultural influenciará na construção de identidade da criança, cabe a nós valorizarmos o ponto de vista infantil. Em relação à presença das crianças no Terreiro, percebemos uma valorização do sujeito, pois é característico o respeito e a autonomia dada a ela. A criança possui sua importância, não somente na continuação da cultura religiosa, mas na maneira de entender e na forma de se expressar perante seu contexto vivenciado, pois estão em diálogo entre as experiências religiosas e os conhecimentos adquiridos no dia a dia.

1.5 Do Senso Comum à Ciência: um diálogo possível com as crianças.

Nas observações e experiência vivenciada com as crianças e os demais sujeitos da pesquisa, verificamos sua relação e a forma com que se identificam com a religião, mas percebemos a potencialidades do Terreiro de Umbanda como um local possível de fazer ciência. É imprescindível esse diálogo entre os conhecimentos do senso comum e a ciência, visto que a educação dialoga com vários saberes, valorizando os conhecimentos advindos do cotidiano das pessoas.

Em meio ao universo acadêmico, houve durante a “evolução do homem científico” um aparato de rejeição aos conhecimentos considerados inválidos para a ciência, esse conhecimento foi determinado de senso comum. Essa denominação de conhecimento representaria todos os saberes que não estavam embasados no modelo considerado científico regente. Santos (2004, p.88), esclarecem que “A ciência moderna construiu-se contra o senso comum, que considerou superficial, ilusório e falso”. Esta consideração não dá importância aos conhecimentos tradicionais, julga como desqualificado em relação ao conhecimento científico.

Ainda trazendo essa assertiva sobre a desvalorização do senso comum, Bachelard (2005), retrata o senso comum como uma barreira a ser vencida no trajeto do conhecimento científico, nessa perspectiva este conhecimento apenas deve ser olhado como algo a ser

superado, um fator que deve sofrer rupturas, para então se chegar ao conhecimento real e de fato. Nessa perspectiva, Germano; Feitosa (2013, p.725), analisam “O espírito científico deve formar-se contra a natureza, contra o que em nós e fora de nós aparece como impulso e informação da natureza, contra o arrebatamento natural e os fatos coloridos e corriqueiros”. Podemos ver uma certa resistência à importância do conhecimento do dia a dia, ao conhecimento cultural, o conhecimento adquirido pela experiência humana, até mesmo pelas próprias crenças que fizeram e fazem parte da vida cotidiana, nessa abordagem o pensamento científico procura dar validade somente ao conhecimento regido pela lei epistemológica da pesquisa, o que descaracteriza, qualquer outro conhecimento.

Se nos primórdios do fazer científico houve essa dicotomia entre senso comum e ciência, hoje podemos ver um diálogo necessário entre os dois modos de conhecimento. Nesse aspecto importante o senso comum estaria em uma dinâmica relação com o científico, afim de construir bases para um saber significativo, o que Germano; Feitosa (2013, p.727), ressaltam: “Se antes a ciência baseada no senso comum o tornava menos comum, agora o senso comum é a ciência tornada comum”.

Trazendo a importância da valorização dos conhecimentos construídos de forma cultural pelo homem. Esse diálogo entre saberes, Saviani (1980, p. 10 *apud* Germano; Feitosa, 2013) traz uma contribuição importante ao defender a relevância do senso comum, “significa passar de uma concepção fragmentária, incoerente, desarticulada, implícita, desagregada, mecânica, passiva e simplista a uma concepção unitária, coerente, articulada, explícita, original, intencional ativa e cultivada”. O que se procura dar importância na perspectiva da valorização do senso comum juntamente com o conhecimento científico, é ver o homem como sujeito portador de saberes e concepções de mundo, valorizando sua arte, conduta moral, sua política e sua cultura em geral.

No entanto, para quebrar todos os paradigmas construídos em relação a rejeição dos saberes tradicionais, precisa necessariamente uma superação de um fazer ciência, é preciso abordar uma nova forma de conhecimento, esse conhecimento será construído, a partir do resgate dos saberes populares e seu potencial para desenvolver o ensino científico. Com esta assertiva, concordamos com a concepção de que “a ciência é um processo de desenvolvimento progressivo do senso comum” (GERMANO; FEITOSA, 2013, p.728). Foi partindo dessa compreensão que percebemos o Terreiro de Umbanda como possibilidade de ensinar ciência.

1.5.1 Ensino de ciências segundo a Base Nacional Comum Curricular: relação entre ciência e os diferentes tipos de conhecimentos.

O ensino de ciências, assim como todas as disciplinas componentes do currículo da Educação Básica, passa por mudanças, com o objetivo de melhorar a educação, combatendo o que Silva (2018), trata como “crise do Ensino de Ciência”, esta afirmativa aponta problemas típicos, como: “dissociação do conteúdo curricular do contexto social, científico e ambiental; falta de sentido dos conhecimentos transmitidos; resistência dos alunos para aprenderem, entre outros” (SILVA, 2018, p.01). Outro fator primordial para essa problemática, Chassot (2003, p. 90), nos relata que:

No século passado, nos anos de 1980, e talvez sem exagero se poderia dizer até o começo dos anos de 1990, víamos um ensino centrado quase exclusivamente na necessidade de fazer com que os estudantes adquirissem conhecimentos científicos. Não se escondia o quanto a transmissão (massiva) de conteúdos era o que importava. Um dos índices de eficiência de um professor[...], era a quantidade de páginas repassadas aos estudantes – os receptores.

Todos essas barreiras que dificultam um ensino significativo, tornam-se problemas dentro da sala de aula, pois a construção do conhecimento é um sistema dinâmico que envolve, atenção, interesse, valorização dos conhecimentos prévios, entre outros componentes desse processo.

Em 2017 houve a implantação da Base Nacional Comum Curricular, sendo que estas reformas educacionais estão relacionadas a Educação Infantil e ao Ensino Fundamental, servindo como referência na constituição dos currículos da rede pública de educação.

Em relação a área de Ciências da Natureza, especificada no item 4.3 da atual BNCC, refere-se ao letramento científico, destacando que “envolve a capacidade de compreender e interpretar o mundo (natural, social e tecnológico), mas também de transformá-lo com base nos aportes teóricos e processuais das ciências” (BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR, 2017). Destacamos a articulação de saberes que nos mais diversos campos, assegurando o ingresso a variedade de conhecimentos científicos, este processo deve ser atrelado ao processo investigativo da pesquisa como base na construção de conhecimento.

A BNCC (2017) relata que há aprendizagens essenciais que devem ser asseguradas no currículo, estas aprendizagens estão organizadas em três unidades temáticas: Matéria e Energia, Vida e Evolução, Terra e Universo, que possibilitem a aprendizagem sobre si mesmo, os processos de evolução, os recursos naturais, relativizando os conhecimentos

científicos nas diversas esferas da vida. Estas unidades temáticas são mantidas no Ensino Fundamental.

Em sua colocação a BNCC (2017), defende que os saberes dos alunos devem ser organizados, a partir das ideias, representações, afetividade que os alunos trazem de seu contexto para a escola. Uma das questões que deve ser trabalhada além dos aspectos corporal, se diz respeito a diversidade étnico cultural.

Ainda de acordo com a BNCC (2017)

Ao iniciar o Ensino Fundamental, os alunos possuem vivências, saberes, interesses e curiosidades sobre o mundo natural e tecnológico que devem ser valorizados e mobilizados. Esse deve ser o ponto de partida de atividades que assegurem a eles construir conhecimentos sistematizados de Ciências, oferecendo-lhes elementos para que compreendam desde fenômenos de seu ambiente imediato até temáticas mais amplas (BNCC, 2017, p.329)

Dessa forma, a apresentação do conhecimento científico sem articulação com o cotidiano do aluno, não oportuniza um aprendizado significativo, é preciso proporcionar oportunidades de investigação que possibilite aguçar sua curiosidade, para que possam desenvolver e sistematizar conhecimentos sobre o mundo natural e tecnológico, bem-estar e saúde, tendo por base os procedimentos do fazer ciência (BNCC, 2017).

Nós educadores precisamos dá atenção para a mudança da visão tradicionalista de educação, precisamos quebrar barreiras para o conhecimento, e substituir a visão estática de educação. O conhecimento é complexo e ocorre em qualquer espaço, conhecer e dar valor a esses diferentes tipos de conhecimentos é valorizar o aluno em suas particularidades. Chassot (2003, p. 90). Defende que “Hoje não se pode mais conceber propostas para um ensino de ciências sem incluir nos currículos, componentes que estejam orientados na busca de aspectos sociais e pessoais dos estudantes”. Essa nova perspectiva está ganhando cada vez mais apoio, acreditamos que essa valorização de diferentes saberes, possa proporcionar uma multiplicidade de conhecimentos ricos pedagogicamente.

No que tange o Terreiro de Umbanda, podemos afirmar que dispõe de múltiplos conhecimentos, trabalhados de maneira direta e indireta com crianças, jovens e adultos. Esses conhecimentos perpassam as práticas dos usos das ervas, do fazer o banho, do conhecimento da natureza em geral, tais conhecimentos possuem aspectos científicos, que possibilitam o ensino de ciências.

1.5.2 Terreiro de Umbanda em questão: O Ensino de Ciências em Espaço Não-Formal.

O processo de ensino se dá em diferentes espaços foi assim que para entendermos e classificarmos o Terreiro de Umbanda como espaço não-formal, precisamos discutir alguns conceitos sobre esta temática, para isto, se faz necessário definir o termo formal e não-formal. Segundo Jacobucci (2008), o espaço formal, é o espaço escolar, definidos e amparados por lei como a LDB 9.394/96. Esses espaços possuem em suas pendências ambientes como sala de aula, laboratórios, quadras de esportes, biblioteca, todos com o intuito do processo ensino e aprendizagem, garantido por lei nacional.

Em se tratando de espaço não-formal, está relacionado com lugares, distintos da escola, aonde se desenvolve atividades educativas, está concepção é utilizado por educadores, profissionais de educação que se preocupam com essa abordagem e trabalham com a divulgação científica (JACOBUCCI, 2008).

Na questão de espaço não-formal, Jacobucci (2008) esclarece que existem duas categorias que devem ser entendidas: os espaços não-formais institucionalizados, caracterizam como espaços regulamentados, possuindo um corpo técnico responsável pelas atividades, exemplos: Museus, Centro de Ciências, Parques, Jardins, etc.

Exemplos como a casa, a rua, o cinema, a praia, o campo de futebol, são ambientes naturais urbanos que não são considerados institucionais, englobando o que Jacobucci (2008), defini como espaço não-formal não institucional.

Nesta pesquisa, procura-se dar relevância ao Terreiro de Umbanda como espaço propiciador de ensino de ciência, este ambiente caracterizado como espaço não-formal institucionalizado, pois hoje com a conquista do reconhecimento social o terreiro é legalizado por intermédio do CNPJ, não é um espaço com finalidade de ensino, mas tem todo um aporte que possibilita vários tipos de aprendizagens. O terreiro tem por direito e obrigação ser regulamentado, possui características de institucionalização, na medida em que existem pessoas qualificadas para repassar ensinamentos da religião, como o pai/ mãe de santo.

A grande maioria dos educadores que desconhecem certos ambientes, acabam que desqualificando e restringindo as possibilidades de ensino de ciências, impossibilitando o diálogo e o respeito aos diferentes contextos culturais das crianças e jovens. Esta ignorância acaba por destruir possibilidades de uma nova maneira de construção de conhecimento, pautado na valorização dos conhecimentos prévios e na diferenças existentes na sociedade.

Sobre os diferentes espaços que possibilitem o ensino de ciência, Queiroz *et al* (2011, p.18), defendem, “Todo e qualquer espaço pode ser utilizado para uma prática educativa de

grande significação para professores e estudantes”. Em questão sobre o terreiro é imprescindível que o professor quebre barreiras do preconceito e conheça de fato os conhecimentos possíveis dentro deste espaço religioso e use como potencial de educativo. Desta forma quebramos a antiga visão de um professor que apenas transmite conteúdo, mas que em um processo dinâmico é capaz de construir conhecimentos e produzir ciência.

2. CAPÍTULO II: DE PÉ NO CHÃO DAMOS INÍCIO A CAMINHADA: O PERCURSO METODOLÓGICO A PARTIR DO TERREIRO DE UMBANDA.

A postura de “pé no chão” na Umbanda tem o significado de respeito ao solo, este sendo a morada dos nossos ancestrais, possui uma gama de conhecimentos e sabedorias. O processo de pesquisa nos permitiu ter esse acesso aos conhecimentos socializados no Terreiro, com isso planejamos e definimos todas as etapas para realizar uma boa pesquisa.

A metodologia científica possui uma grande importância no que diz respeito aos procedimentos sistemáticos e racionais de pesquisa, ela norteia cada passo que deve ser dado ao trabalho desenvolvido, pois a mesma atua tanto na prática como no mundo da abstração teórica. Então, a metodologia figura como concepção lógica, racional, eficiente e eficaz em termos de procedimentos de pesquisa (LAKATOS E MARCONI, 2003).

A pesquisa é de cunho qualitativo, nas palavras de Triviños (2008, p.120) “As informações sobre a vida dos povos não podem ser quantificadas e precisam ser interpretadas de forma muito mais ampla que circunscrita ao simples dado objetivo”. Acrescentando sobre a pesquisa qualitativa Chizzoti (2001, p.79) considera “parte do fundamento de que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, uma interdependência viva entre os sujeitos e o objeto, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e subjetividade do sujeito”.

Possui o tipo de abordagem fenomenológica, segundo Triviños (2008, p.43), “É a essência da percepção, a essência da consciência [...] Compreender o homem e o mundo a partir de sua facticidade”. Para análise deste objeto, partimos dos princípios da pesquisa etnográfica que, “consiste no levantamento de todos os dados possíveis sobre a sociedade em geral e na descrição, com a finalidade de conhecer melhor o estilo de vida ou a cultura específica de determinados grupos” (LAKATOS, 2010, p.32). A etnografia analisa o cotidiano da vida, assim como sua rede de relações socioculturais, Delgado e Muller (2005, p.168), a respeito desse pressuposto destacam, “a etnografia visa apreender a vida, tal como ela é cotidianamente conduzida, simbolizada e interpretada pelos atores sociais. A vida é, portanto, plural nas suas manifestações, imprevisível e ambígua nos seus significados”.

Desta forma, analisaremos com riquezas as relações observadas neste espaço sócio religioso desta pesquisa. Para tal fim, utilizamos o caderno de campo para anotações do cotidiano das crianças no centro de Umbanda estudado.

Graue e Walsh (2003) alertam que, nas pesquisas com crianças existe a necessidade, no primeiro momento, de considerar o contexto de vivência delas, a dimensão da proximidade

é importante nesse processo de interação durante um tempo prolongado, para que haja uma melhor aproximação na relação entre pesquisador e sujeitos da pesquisa.

A observação foi participante onde o pesquisador não fica passivo e se dispõe a viver/conviver no contexto observado (GIL, 2002). No total foram quinze sujeitos da pesquisa, sendo que oito são crianças entre quatro a doze anos de idade, de ambos os sexos. Três Caboclos de Umbanda e quatro sujeitos secundários.

Para a efetivação da pesquisa foi solicitado aos pais e responsáveis das crianças a autorização para a participação desta pesquisa. É de suma importância o diálogo entre o pesquisador e os responsáveis das crianças, essa negociação se constituiu como necessária para a autorização legal da pesquisa que envolvem pessoas desta faixa etária (Pereira, 2012).

Em relação à identificação das crianças, Kramer (2002) nos remete a seguinte ponderação “Com a preocupação, no entanto, de não revelar a identidade das crianças por se constituir em risco real, torna-se necessário, em muitas situações, usar nomes fictícios”. A criança possui autonomia na escolha de seu nome fictício, para isto houve uma roda de conversa, por meio da qual as crianças puderam escolher seus nomes fictícios. Após o diálogo foi sugerido que escolhessem nomes relacionados às entidades do terreiro chamados de *Erês*. Dessa forma, cada criança escolheu um nome fictício: Pedrinho (08 anos), Flechinha (12 anos), Luizinho (08 anos), Joãozinho (07 anos), Zezinho (05 anos), Pepita (10 anos), Mariazinha (04 anos), Aninha (06 anos). Em relação aos maiores de dezoito anos, seus nomes foram mantidos.

A construção de dados teve como suporte as entrevistas semiestruturadas, nas palavras de Figueiredo (2008, p. 11): “[...] requer a elaboração de questionamentos básicos (um roteiro preliminar de perguntas), apoiados nas questões descritas no estudo de forma a oferecer um amplo caminho de interrogativas, que surge a medida que se recebe as informações do sujeito da pesquisa”, este tipo de técnica abrange o campo de pesquisa analisa, possibilitando novas indagações para análise do fenômeno pesquisado, para isto foi importante o uso do gravador como ferramenta. Todos os registros seguiram as normas éticas da pesquisa acadêmica, previamente submetidos ao Comitê de Ética da Universidade do Estado do Amazonas - CESP-UEA.

2.1 Terreiro de Umbanda “Janaína e Ogum Beira-Mar”: o contexto da pesquisa em destaque.

O terreiro de Janaína e Ogum Beira-Mar, surge de uma pequena seara¹² que se localizava na rua Caburi, bairro De jard Vieira, onde se começou as primeiras sessões de atendimento às pessoas que procuravam ajuda, tanto espiritual quanto em questão de saúde. Hoje se encontra no loteamento Teixeira, às margens do Lago do Macurany (s/n), com a liderança instituída pela Mãe de Santo Maria Freire, o terreiro tem no momento nove filhos de santo em desenvolvimento, cinco atabacazeiros¹³, dois cambonos¹⁴, e os demais filhos que fazem parte do terreiro e ajudam nas atividades diárias.

O nome do terreiro é uma homenagem dos filhos a Sereia Janaína¹⁵ e ao orixá Ogum Beira-Mar¹⁶, que são homenageados nas festas de Iemanjá e São Jorge. O terreiro tem como guia chefe a Cabocla Mariana¹⁷, que com a ajuda de outros guias¹⁸ como: Pena Verde, Mestre Sibamba, Tereza Légua, Zé Pelintra, Maria Padilha, entre outros, realizam trabalhos de cura, benzimentos, passes espirituais¹⁹ e desenvolvimento de médiuns.

Nos trabalhos não são cobrados nem uma taxa em dinheiro, o terreiro se mantém de doações, ajuda dos próprios filhos e pessoas adeptas à religião. Os dias de realização dos trabalhos ocorrem nas quartas e sábados, no entanto, em caso de ajuda a pessoas com problemas de saúde, o terreiro atende a qualquer dia e a qualquer hora, pois segundo a mãe de santo, “para a caridade não tem hora e nem momento, precisando nós estamos à disposição para ajudar” (MARIA FREIRE, 47 ANOS, 2018).

Em relação ao calendário de festas e obrigações aos orixás e santos católicos, o terreiro realiza a festa de Iemanjá, distribuição de comidas aos cachorros no dia de São Lázaro, festa em homenagem a Ogum/São Jorge, dos Pretos Velhos, Pomba Giras e Exús e no dia 12 de outubro a festa é de cunho social em homenagem ao dia das crianças. Esta festa acontece em dois momentos, o primeiro com o objetivo de envolver a comunidade carente do bairro da União com atividades voltadas ao lazer e distribuições de brinquedos e alimentos. O

¹² Casa ou local destinado as cerimônias do culto de Umbanda.

¹³ No terreiro onde ocorre a pesquisa é uma denominação dada as pessoas que tocam o tambor durante as sessões.

¹⁴ Responsáveis pela organização do trabalho, assim como o auxílio as entidades durante as sessões.

¹⁵ Sereia pertencente a falange de Iemanjá.

¹⁶ Chefe da Primeira falange da linha de Ogum, seu território vibracional está localizado entre as ondas que se quebram na praia e o começo do mar alto.

¹⁷ Cabocla Turca da linha dos encantados, irmã de Herondina e Jarina.

¹⁸ Entidades do panteão Umbandista que trabalham em prol a caridade e evolução espiritual.

¹⁹ O passe espiritual é uma ferramenta de limpeza espiritual, que consiste na troca de energias entre duas pessoas, geralmente utilizado no auxílio a ajuda de pessoas carregadas de energias negativas ou algum mal.

segundo momento está relacionado com a celebração do culto as crianças da Umbanda “os erês”, que recebem a homenagem com doces, cantigas, presentes e brincadeiras.

Todos são movidos por um sonho, e o terreiro de Janaína e Ogum Beira-Mar possui seus objetivos futuros, uma das aspirações é ajudar as crianças carentes do bairro da União, não somente, por meio de festas em sua homenagem, mas com a formação de cidadãos de bem, através dos valores cultivados na Umbanda: amor, respeito e caridade. Não se trata de aumentar o número de adeptos a religião ou agregar fiéis, mas tentar ajudar da melhor forma a sociedade em que se faz parte.

3. CAPÍTULO III: ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.

3.1 Infância e Saberes: As relações sociais na Umbanda na construção da identidade infantil.

Para entendermos as relações das crianças com o meio precisamos compreender como se dá o processo de construção de identidade, pois a criança está em constante relação com os sujeitos e as culturas que estão ao seu redor.

A identidade é reflexo de todos os aspectos pertencentes à cultura, aspectos: raciais, linguísticos, étnicos, religiosos entre outros. Partindo de um ponto de vista sociológico Halls (2006, p.11) relata que “o sujeito ainda tem um núcleo ou essência interior que é o “eu real”, mas este é formado e modificado num diálogo contínuo com os mundos culturais “exteriores” e as identidades que esses mundos oferecem”, esta acepção compreende que o sujeito não é autônomo, mas formado na interação com outras pessoas e a cultura onde está inserido, Miranda (2000) refere-se ao “sujeito sociológico”, resultado das relações com o meio social, influenciado pelos símbolos, sentidos e valores morais e éticos de um determinado grupo, este autor explica que “Em tal acepção, projetamos a nós próprios nessas identidades culturais, à medida que internalizamos tais significados e valores, alinhando nossos sentimentos subjetivos com os lugares objetivos que ocupamos no mundo social e cultural em que vivemos” (MIRANDA, 2000, p. 82).

O processo cuja identidade se forma é complexo, sendo construído e reconstruído de forma dialética, nesse aspecto os significados dos valores são importantes na formação da identidade. As crianças que participam diariamente no terreiro possuem vínculos familiares com os participantes, são crianças trazidas pelos seus pais, avós, tios, mas há algumas que por problemas de saúde procuraram ajuda na Umbanda e de alguma forma se identificaram e até hoje se mantêm assíduos.

O cotidiano das crianças no terreiro é substancial nessa construção de identidade infantil, o terreiro é um espaço dinâmico e propício a várias, Caputo (2012, p. 20) entende os terreiros “como espaços educativos, de circulação de conhecimentos, saberes e memória [...] afirmam-se identidades, constroem-se laços de pertencimentos e parentesco”. Gradativamente as crianças vão se colocando nas atividades diárias, criando significados de atos provenientes da Umbanda, os “por quês” estão presentes a todo o momento, analisei situações simples, mas que para a criança tem um grande significado.



Figura01: Luizinho (08 anos)
Fonte: Silva, (2018).



Figura02: crianças em Sessão no terreiro.
Fonte: Silva, (2018).

Nas respectivas imagens vemos o pequeno Luizinho (FIGURA 01), acendendo uma vela no canto destinado as entidades dos Pretos (as) Velhas (as), recorde-me que antes do trabalho sua mãe pediu para o menino acender e com entusiasmo correu para dentro do terreiro e fez a tarefa pedida. Nesse momento perguntei-lhe: por que ele acendia essa vela? E, em palavras simples respondeu: *“a dona Mariana falou que a vela é luz pra cá. É força”* (LUIZINHO, 08 anos). Essa simples resposta discorre da importância da vela nos rituais de Umbanda. A vela reforça a energia, a conexão, o desejo, além de fomentar a energia da vida (*ígnea*). Ajuda a dissipar energias deletérias e, portanto, abre espaço para que as energias positivas se instaurem e/ou permaneçam no ambiente (JUNIOR, 2014).

As atividades exercidas pelos grupos de crianças envolvem a anexação de normas e modelos de comportamentos na personalidade infantil, a aprendizagem torna-se um processo organizado pela criança na interação entre ela e o conteúdo vivenciado (COSTA, 2017). O significado do ato é importante no processo de construção de identidade, a criança internaliza a vivência e seu sentido dentro da religião, acender uma vela é mais do que um simples ato, é a forma de manifestar sua fé diante de um simples, mas importante simbolismo.

Em sessões de trabalhos onde se encontra a presença de Erês da Umbanda o quantitativo de crianças aumenta significativamente, a figura 02 mostra a Erê Mariazinha²⁰ rodeada de crianças, nesses tipos de trabalhos com a presença dos Erês, há sempre muitos doces dos mais variados tipos, o que influencia neste grande número de crianças presentes. Joãozinho (07 anos) nos relata *“a Mariazinha é legal, ela me dá bombons e bolo, ela brinca comigo e me abraço, eu gosto dela”*.

Os Erês no contexto da Umbanda explica Martins (2012, p.04) “Os espíritos de criança na Umbanda compõem a linha de Cosme e Damião, associada ao orixá Ibeji, também

²⁰ É uma Entidade pertencente à linha das crianças adora doces dos mais variados tipos e brincadeiras.

conhecida como linha dos anjos e em alguns terreiros chamados de erês”. As manifestações desses espíritos se apresentam em forma de crianças, sempre transmitindo alegria, leveza por meio de brincadeiras pontos cantados.

O comportamento da criança dentro do espaço do terreiro é diferenciado, a criança não deixa de ser criança, vive sua infância e faz de simples materiais as brincadeiras de seu dia-a-dia. Costa (2017, p. 124) ressalta “brincar torna-se fundamental para a criança neste período da infância para o processo de aprendizagem e desenvolvimento. Brincando ela aprende quais são as regras que organizam as relações [...] e o papel social que cada um desempenha”. Nessa dinâmica que o processo do brincar proporciona podemos perceber a relação entre a criança e o espaço do terreiro como momentos significativos, pois as crianças se veem como parte do grupo social. Como vemos nas figuras abaixo:



Figura 03 e 04: Crianças no terreiro brincando com folhas de Xangô²¹.
Fonte: Silva, (2018).

As crianças usam sua imaginação neste momento lúdico. Elas imaginavam várias situações com as folhas, como: carrinhos e caminhões, em um certo momento houve até uma disputa de quem pegava mais folhas do chão. Os adultos nem um momento interrompem a brincadeira, até porque as folhas jogadas no chão tem a finalidade de harmonizar o ambiente, algo que não coloca as crianças em riscos. Relata a Cabocla Mariana (2018) “*as crianças ficam a vontade, como você ver, elas pegam as folhas, elas pegam os brinquedos dos cantos dos Erês, só impedimos elas de algo quando o trabalho é pesado*”.

Em relação a esses trabalhos “pesados” e a não permanência da criança dentro do terreiro, o guia Júlio Galego (2018) explica, “*O momento que ela passa a não participar é na hora que começa os trabalhos de desmanche, os trabalhos de demanda*”²², as crianças não

²¹ É a própria folha de mangueira, essa denominação parti dos próprios guias do terreiro.

²² Segundo a entidade são energias negativas oriundas de algum mal advindo de pessoas ou grupos adversos, essas energias são geradas por sentimentos de raiva, inveja, rancor.

podem estar presente, não pode misturar a inocência com os serviços”. Essa preocupação se dá pelo fato de nesses trabalhos ocorrer o enfrentamento de forças negativas, ou de pessoas com algum mal de saúde. A inocência relacionada a criança é que segundo os guias, elas não tem maldade alguma.

As crianças estão sempre à vontade no espaço destinado as sessões, sempre brincando, se divertindo, mas sempre atentas a tudo que acontece ao seu redor, essa construção identitária transcorre em todos os momentos de trabalhos, conversas com guias, e da troca de saberes e costumes que tem sempre com os adultos. A identidade e o reconhecimento de pertencimento ao grupo, dá-se com a maneira espontânea de lidar com a situação diária, jamais as crianças são colocadas fora desse contexto. Em todo tempo estão em contato com a religião, e durante as sessões levam com uma serenidade todos os aspectos, e com o jeito de ser criança aprendem e se constroem dentro da Umbanda.



Figura05: crianças participando dos trabalhos.
Fonte: Silva, (2018).



Figura06: Joãozinho observando atentamente ao trabalho
Fonte: Silva, (2018).

Um aspecto relevante visto nas crianças que fazem parte do grupo religioso é a forma de como se comportam dentro do terreiro, de maneira sempre natural com brincadeiras, sempre á vontade, sempre em pequenos grupos. Nas imagens 05 e 06, as crianças encontram-se na hora de trabalhos brincando, mas sempre com atenção voltada para as ocorrências dentro das sessões.

As pequenas atividades realizadas pelas crianças, o modo de como interagem com o espaço, a significância deste, são pontos relevantes na construção da identidade, essa relação da criança com o espaço e as pessoas, discorre de saberes e significados, o espaço sociocultural constrói a identidade e as crianças constroem, assim como dão um novo significado de sua maneira própria de ver o mundo.

3.1.1 Dançando e cantando: participação das crianças nas festas no terreiro de Umbanda.

Outro momento significativo nessa experiência vivenciada com os sujeitos observados no espaço sócio religioso da Umbanda, é o das festas e homenagens às datas comemorativas, como festas de Orixás, homenagem aos guias e dia das crianças. O terreiro de Janaína e Ogum Beira-Mar realiza durante o ano algumas festas e obrigações para com os orixás e guias, destaca-se, ainda, a festa em homenagem a Iemanjá, Ogum/São Jorge, São Lázaro e o dia das crianças. A participação das crianças é frequente em todas as celebrações e seu papel é de destaque, visto que as crianças é o ponto máximo na representação dos orixás e guias. Esse papel exercido pelas crianças, tem uma fundamental importância na construção de identidade, já que os pequenos representam durante as festas as entidades por quem possuem mais carinho e admiração.

Sobre o papel da criança durante as cerimônias, Caboclo Júlio Galego (2018) nos revela: *“o papel nas cerimônias e festas e até de trabalho é mesmo de um anjo, um anjo de luz [...] A criança representa a pureza, isso tem papel fundamental, se o terreiro não tem crianças não tem uma divindade”*. O significado da criança dentro da religião é de fundamental importância, ser criança possui um significado divino, pois a criança possui características consideradas pelos guias de um anjo, que não detém maldade ou coisas do tipo.

Representar uma entidade requer apreço, carinho, identificação do sujeito criança com o que ela vai representar. A escolha não é imposta, a criança escolhe o que quer representar, assim como se não quiser não representa. A identidade também se constrói com esses gestos, pois enxerga nas divindades algo que reflete a si próprio, Flechinha (12 anos, 2018) nos relata: *“Quando eu apresentei Oxum, foi a mulher que eu achei mais bonita, assim o jeito dela, eu gostei de representar ela. Eu sinto muita coisa, eu me sinto bem”*. Há uma identificação entre a criança e o Orixá representado, Flechinha complementa *“Oxum é a minha alegria”*.



Figura07: Flechinha representando Oxum
Fonte: Silva, (2018).

Flechinha é uma criança que desde pequena representa a orixá Oxum, em um dos episódios sobre a festa, levantou-se a possibilidade dela representar Iansã, mas Flechinha se manteve com sua postura, pois dizia que só se representaria como oxum. Esse fato nos leva a refletir que a criança enxerga nos guias e orixás um modelo exemplar, onde suas características se identificam com a das crianças, havendo uma relação entre a criança e a sua concepção sobre as entidades.

Essa representatividade está presente entre outras crianças, nas imagens a seguir vemos crianças do terreiro representando outras entidades na festa realizada em homenagem ao dia das crianças.



Figura08: Pedrinho (09 anos) representando Preto Velho.
Fonte: Silva, (2018)



Figura09: Zezinho (05 anos) representando Ogum.
Fonte: Silva, (2018)



Figura10: Pepita (10anos) representando Iansã
Fonte: Silva, (2018)



Figura11: Crianças ao Término de suas apresentações
Fonte: Silva, (2018)

As celebrações de festas no terreiro constituem todo um aparato de anseios, valores e crenças, delineando os traços da cultura religiosa da Umbanda, de acordo com Amaral (1992, p.02), “As festas têm a ‘função’ [...] afirmar valores sociais, o modo próprio de expressão de um dado grupo, no sentido de cumprirem um papel de apoio a seus membros, que terminam gerando uma consciência”. O processo de construção da identidade acontece por meio de múltiplas relações e diálogos estabelecidos no âmbito social, grupo ao qual pertence a família, a criança se expressa como se reconhece enquanto sujeito, se representa e dá significado ao seu contexto.

A identificação com as entidades constrói subsídios de pertencimento á cultura religiosa, a escolha pela representação constrói laços entre a criança e a divindade representada. Pepita (10 anos, 2018) enaltece, “*eu me sinto bem, quando eu representei a Iansã, eu me senti alegre eu me senti feliz, contagiante*”. Essa relação que ocorre tem sua gênese nos dias comuns de trabalhos dentro do terreiro, como relata Pedrinho (08 anos), “*eu gosto mais dos pretos velhos, eles vem no terreiro tremendo, bem velhinho, e tomam café*”. Esse reconhecimento em uma entidade parti das observações e do agrado que a criança tem em relação ao guia. As características peculiares da entidade revela aspectos considerados interessantes para a criança, levando-a a certa admiração.

É fato que as festas é uma forma de expressão da identidade do grupo social, é o momento de expressão da fé, o momento de reavivar os costumes e doutrinas, expressando o modo de entender o mundo. As crianças são elementos constituintes dessa complexidade, alimentando a continuação da cultura, reafirmando a identidade do grupo social e construindo sua própria identidade pautada nos elementos formadores da religião umbandista. Entre esses elementos se encontra s saberes socializados neste espaço religioso.

3.2 “Ah! eu não sei muito, só sei que...”: Entre os saberes milenares dos índios e dos negros, o conhecimento acontecendo no Terreiro de Umbanda.

O terreiro de Umbanda é um espaço sociorreligioso onde ocorrem vários momentos de aprendizagens, esses conhecimentos característicos da educação religiosa, perpassam por vários tipos de saberes, como o uso das ervas, os banhos, as orações que possuem um papel importantíssimo nas sessões. Destacarei aqui três tipos de saberes que substancialmente estão presentes em todas as sessões, por meio dos ensinamentos dos guias e pelo diálogo cotidiano entre adultos/ crianças/jovens.

As plantas tem sua importância desde os primórdios dos séculos, pois aliada às determinadas crenças e saberes empíricos, sua função alcança o campo da cura por intermédios dos saberes repassados de geração a geração. Originalmente, foi o único meio de tratamento utilizado nas comunidades consideradas hoje “primitivas”, que não detinham o “conhecimento científico” da medicina. Comunidades antigas como do Egito, China, Índia, Grécia, África, e nossos Indígenas, dominaram e dominam esses segredos das ervas, tendo como principal característica o respeito e conservação da natureza, estes campos de saberes se designam em uma arena vasta de conhecimentos (ORMONDE, 2017). Hoje principalmente nas religiões indígenas e de matriz africanas, o costume e hábito de preservar o conhecimento milenar sobre as plantas se faz presente, através de costumes, crenças e tradições vivenciadas entre as diferentes gerações

No terreiro pesquisado, os guias possuem a função de propagar conhecimentos sobre as ervas. Durante as observações, esse conhecimento é repassado segundo as doutrinas da Umbanda seguida pelo terreiro, os guias vem e ensinam os significados e a função das ervas para os filhos que estão em aprendizado. Nesse momento, adultos, jovens e crianças se fazem presentes, pois segundo Maria Freire (47 ANOS, 2018), *“Em relação aos conhecimentos de ervas, banhos, todos possui a capacidade de aprender, basta querer, pois as ervas estão presentes em todo momentos na vida das pessoas e mais importante tem que saber a importância da preservação da natureza”*. Tais conhecimentos são bastante diversificados como relata uma integrante do terreiro que está passando por ensinamentos, Liliana (22 ANOS, 2018):

Eu conheço muitas ervas que o caboclo Pena Verde me ensinou, assim como a dona Mariana e a Preta Velha, também seu Zé Pelintra²³. Me ensinaram suas funções e pra que elas servem. Como: o Comigo Ninguém Pode, que serve para banhos de descarrego e proteção, a Aningapára que serve também para banhos de descarrego, para pessoas que estão com maus fluídos, pessoas que estão “pesadas”, Mucuracá para feridas, cipó Alho para prisão de vento, Araticum e muitas outras ervas. (CADERNO DE CAMPO, p. 11. 2018).

Podemos perceber a variedade de conhecimentos adquiridos dentro do terreiro, que o diálogo entre guias e filhos é de fundamental importância para o aprendizado. As crianças estão sempre inseridas nesse contexto de educação religiosa, estão em constante aprendizado. Pedrinho (08 anos, 2018), ao ser indagado sobre o que aprende no terreiro, exclama: “*ah... eu não sei muito, só sei que o pião roxo é bom para tomar banho, pra limpar nosso corpo dos maus, tem também a arruda que a gente faz chá, e quando tô com dor de estômago eu tomo chá daquela planta ali (aponta o dedo na direção da planta para mim), o elixir paregórico*”. Cabe salientarmos que as ervas na Umbanda possui dualidade de cura, uma relação entre o físico e o psíquico (psicossomático), que por meio de banhos, defumações e outros componentes do rito constituíram saúde da pessoa humana.

Nesse contexto religioso no primeiro momento, o emprego das plantas nos tratamentos possui uma visão pautada em crenças, onde acredita-se que as plantas possui segredos ocultos, revelados através dos guias para os filhos, as plantas são sagradas e acredita-se que que podem curar problemas de saúde e outros males. Ormonde (2017, p.02) acrescenta que “Esse princípio que liga saúde e religião parece fazer parte da natureza humana, vigorando até hoje, tudo faz pensar que a relação entre religião e saúde é consubstancial, imemorável e inatacável, que certamente não poderá ser dissolvida por nosso mundo técnico científico”.

É um dos principais elementos encontrados dentro do terreiro, essa relação entre saúde e religião, esse importante papel das ervas dentro do culto umbandista vem de raízes indígenas representadas pelos caboclos, de raízes africanas nas figuras de pretos (as) velhos (as), dentre outras linhas que formam o panteão de guias de Umbanda.

Outro saber importante e ensinado são os banhos que dinamicamente com as ervas, possui sua importância na Umbanda, com a função de limpar os corpos de maus fluídos, limpar os ambientes, o banho é ensinado gradativamente para os filhos, pois cada erva tem uma função específica nos banhos, e dependendo para qual a finalidade o banho é diferentemente preparado. Dentro do terreiro, pude notar, que, esse aprendizado é dado conforme as orientações de guias e a necessidade que se apresenta diariamente. Segundo

²³ Entidade bastante conhecida nos cultos afro-brasileiros, é considerado um dos patronos da figura do malandro, rei da vida noturna, boêmio e apaixonado por jogos e disputas.

Cabocla Mariana (2018) incorporada na mãe de santo Maria Freire “*Os banhos são ensinados, passo a passo, os filhos tem que saber primeiramente o significado de cada erva para poder manipular suas forças, pois cada planta é sagrada e abençoada por Oxalá*²⁴”. Analiso a seriedade de cada aprendizagem dentro do terreiro, pois o as formas de preparo requer informações e cuidados, sempre orientados por mentores.

O ritual começa desde a coleta das folhas, como Flechinha (12 anos, 2018), nos relata: “*quando eu pego essa folha (mucuracá), eu peço licença da planta, porque se eu arrancar com força isso dói nela, eu tenho que pedir com carinho*”, relata a criança colhendo folhas no quintal de sua residência. Essa educação voltada para o respeito com a natureza, propõe a importância da floresta para a vida humana, sendo que na Umbanda as forças da natureza são representadas pelos orixás, essa educação ecológica parte desde o simples gesto de colher as folhas.

Outro aspecto relevante que se inserem crianças e jovens em um dinâmico processo de ensino/aprendizagem, é com relação as orações, diz Cabocla Mariana (2018):

A oração está presente em todos os momentos, no início dos trabalhos com a oração de Oxalá, na hora de fazer os banhos, na hora de colher as folhas das plantas, existem algumas orações que os guias só passam para determinados filhos e para determinadas situações urgentes, no entanto temos o cuidado porque uma oração possui muita força.

A oração de Oxalá em que a cabocla se direciona é o Pai Nosso rezado pelos cristãos, as crianças e jovens aprendem por base as orações praticadas no cristianismo católico, como: Creio em Deus Pai, Ave Maria, Anjo da Guarda, dentre outras. Mas há as orações provindas dos guias, essas orações possuem sigilo, pois são bem pessoais, de guia para filho. Como relata o atabacazeiro Milardison (19 ANOS, 2018), “*os guias ensinam a importância da oração do Pai nosso e da Ave Maria, também outras orações que aprendemos com nossos pais. Mas eu aprendi outras orações, tipo quando vou rufar meu tambor, eu tenho minha própria oração que os guias me ensinaram*”.

A importância das orações e o aprendizado trazido por elas, dá uma significância ao ritual da Umbanda, Juruá (2011, p.146) destaca que, “A oração é um ato de efetuar uma prece, provinda do coração, portanto, é uma falação, uma conversa, ou mesmo uma súplica; oração é, basicamente, o ato de falar com Deus ou com a Espiritualidade Superior, não é uma

²⁴ Considerado como o mais respeitado entre os Orixás, é o pai maio nas religiões afro-brasileiras, sincretizado com Jesus Cristo.

atividade em que não há interação”. Dada essa significância, a oração é considerada importante na formação das pessoas que participam do meio sócio religioso da Umbanda, os valores são cultivados através da dinâmica, oração, banhos e ervas. Na imagem seguinte vemos a participação de crianças, jovens e adultos na corrente de oração para abertura da sessão.



Figura12: corrente de oração para início de sessão.
Fonte: Silva, (2018).

Trouxe neste tópico três relevantes tipos de saberes aprendidos de forma oral e prática dentro do terreiro, nesses conhecimento transcorrem a formação de crianças, jovens e adultos que se inserem nesse contexto, tratando-a educação como prática social. O conhecimento advindo dos guias sobre o uso das ervas, a importância dos banhos e a oração como fator diferencial na manipulação dos elementos da natureza e do sagrado, caracterizam como um saber elaborado nas simples tarefas cotidianas, e inculcados na educação de crianças, jovens e adultos.

3.3 “Tanta folha, tanta semente, tanta ciência no pé da Jurema²⁵”: Do Terreiro a Ciência um processo de Ensino/aprendizagem dinâmico.

Como já apresentado, o Terreiro de Umbanda é um espaço que proporciona vários tipos de aprendizagens, neste aspecto podemos considerá-lo como um lugar propício ao ensino de ciências, devido aos vários aspectos de relação com a natureza que os adeptos a

²⁵ Ponto Cantado da Cabocla Jurema, em uma conversa pediu-se a autorização da própria guia para colocá-lo como destaque no tópico. Ponto cantado é um dos fundamentos da Umbanda, trata-se de cantigas que louvam Orixás e Entidades.

religião tem em seu culto e no dia a dia. A manipulação das ervas, os banhos, o respeito com a natureza e sua importância no culto, visto que os Orixás representam elementos da natureza e sendo estes divindades, a própria natureza torna-se sagrada. Em meio a este cenário de constante relação com a natureza, as plantas como vimos tem sua função e importância dentro do Terreiro, são elas que estão sempre presentes em remédios e banhos, sempre com suas funções de cura e purificação espiritual.

A questão do Terreiro como possibilidade para o ensino da ciência, possui um universo rico de questões que podem ser abordadas pelo educador. Nessa relação entre saber do senso comum e ciências defendemos que: “Aprender é compreender, ou seja, trazer comigo parcelas do mundo exterior, integrá-las no universo subjetivo do sujeito e assim construir sistemas de representação [...] que ofereçam ao sujeito cada vez mais possibilidades de ação sobre esse mundo (BECKER, 1995 *apud* SILVA, 2018). Essa relação contribui para o sujeito entender que seu espaço social é propiciador de conhecimentos importantes para a sociedade, muitas vezes desvalorizados, no entanto rico em conceitos científicos.

Podemos perceber a presença da ciência no próprio Ponto Cantado emanado durante as sessões, falar que “há ciência no pé da Jurema”, é evidenciar que todas as plantas da mata, local onde os caboclos de Umbanda habitam, há ciência, não ciência positivista, aquela “medida com precisão”, mas uma ciência que considera os conhecimentos tradicionais e as descobertas científicas. Que engloba tanta conhecimentos afro, como indígenas, conhecimentos advindos das crenças dos povos e que até os dias atuais, possuem sua validação em meio a classe pobre.

3.3.1 As plantas e suas funcionalidades: aspectos religiosos e científicos sobre algumas ervas utilizadas no Terreiro de Umbanda.

As plantas possuem uma variedade de espécies e conforme sua utilização ela aderi várias funções para determinados tratamentos. No Terreiro nos deparamos com um leque de conhecimentos medicinais e espirituais das plantas, e conseqüentemente as propriedades científicas das mesmas.

Em relatos de participantes e guias podemos perceber a importância das ervas e o conhecimento de suas funcionalidades. Uma das ervas bastante utilizadas é a Mucuracaá, conhecida também como Guiné, está planta segundo o Caboclo Pena Verde em seu relato durante uma sessão de ensinamentos sobre as ervas, destaca: “*O mucuracaá é uma erva bastante importante na Umbanda, ela serve para banhos de descarrego e para diversas*

mazelas do corpo, como feridas, você pega umas vinte e uma folhas e bate até sair o sumo e depois passa no corpo” (CABOCLO PENA VERDE, 2018).



Figura13: Erva Mucuracá
Fonte: Silva, (2018).

Esta erva possui mais de uma finalidade na Umbanda, cabe ressaltarmos que esses ensinamentos são repassados e orientados segundo os preceitos dos guias. Correlação aos estudos científicos essa planta recebe o nome de “*Petiveria Alliaceae*” e segundo Santos; Almeida (2016) uma de suas funções é antimicrobiano e imunestimulante, isto é, suas substâncias são responsáveis por combater micróbios e seu desenvolvimento. Podemos relacionar a coesão na aplicação dessa erva entre o conhecimento tradicional e científico, o que dá uma validade e comprovação da eficácia da erva.

Outra erva que traz consigo conhecimentos tradicionais é o Boldo, sempre utilizado no combate a enfermidades do estômago, segundo o relato da Mãe Pequena Carmem (2018) “*aqui no terreiro não se pode faltar o boldo, sempre que tem alguém com dor de estômago, mal estar, ele sempre ajuda*”. De fato é observável que nos arredores do Terreiro é notável a grande variedade de plantas, sempre com alguma função específica. Flechinha (12 anos) enfatiza a importância dessa erva: “*O boldo é bom pra dor na barriga, vento, quando tô mal a minha avó faz chá e melhora*”.



Figura14: Erva Boldo
Fonte: Silva, (2018).

O boldo recebe o nome científico de “*Peamus Boldus*”, hoje é legalizada pela ANVISA, em relação a função é comprovada sua eficácia em relação aos males do fígado, possui uma substância chamada Lactona, que exerce a função de auxílio à digestão de gorduras (SANTOS; ALMEIDA, 2016).

Trazendo nessa questão os benefícios das ervas utilizadas no terreiro, encontramos a quebra pedra, na falácia de Pedrinho (08 anos), relata: “*aqui a mamãe sempre toma quebra pedra e nós também toma quando dói nossa barriga na hora de mijar, os guias sempre falam isso que é pra dor de urina*”, neste relato percebemos o conhecimento advindo do seio familiar adquirido pela criança, por intermédio da cultura oral.



Figura15: Erva Quebra Pedra.
Fonte: Silva, (2018).

No Formulário de Fitoterápicos Farmacopeia Brasileira (2018), esta planta medicinal é usada no auxílio ao tratamento de retenção hídrica, possui o nome científico *phyllanthus niruri*.

Esse formulário fitoterápico “serve como referência para o sistema de notificação de produtos tradicionais fitoterápicos da ANVISA, podendo, ainda, ser manipuladas de modo a se estabelecer um estoque mínimo em farmácias de manipulação e farmácias vivas” (AGÊNCIA NACIONAL DE VIGILÂNCIA SANITÁRIA- ANVISA, 2018, p.05). Esta publicação serve como uma base de controle de plantas medicinais, constantemente é atualizada, conforme a descoberta de novas plantas e suas funções, em sua formulação encontramos algumas indicações de como utilizar as plantas, assim como os cuidados que devem ser tomados pelo paciente.

Nosso objetivo diante da apresentação de algumas erva utilizadas dentro do Terreiro é mostrar que as mesmas não são usadas aleatoriamente há uma crença religiosa, uma sabedoria popular, os seus conhecimentos culturais, que na maioria das vezes a ciência se apropria e a partir de testes e experiências, comprovam de fato a função de determinada erva.

No entanto há vários saberes que englobam o mundo da ciência no Terreiro de Umbanda, como por exemplo, as funções de ervas pouco conhecidas como: Navalhão, jurubeba, Girum, etc. Os guias nessa parte são responsáveis por difundir tais conhecimentos, sempre com a responsabilidade de ajudar a quem necessita.

É notório a riqueza de conhecimentos que circundam o Terreiro de Umbanda e este é um espaço de aprendizagens adotando o conhecimento empírico sobre as ervas medicinais, podemos ter um rico material para o ensino de ciências, visto que o diálogo entre o senso comum e ciência é dinâmico, tornando-se possível a relação entre os conhecimentos.

No entanto para se alcançar esse olhar para o Terreiro como propiciador do Ensino de Ciências é preciso quebrarmos barreiras do ensino, necessitamos dar valor aos conhecimentos culturais, conhecimentos estes presentes no dia a dia, até mesmo de pessoas que não fazem parte de um Terreiro, mas que são herdeiras de conhecimentos indígenas e africanos presentes em nossa história. Quantos conhecimentos riquíssimos estamos deixando de lado por possuir um preconceito em relação ao desconhecido? Quantas possibilidades de fazer ciência e descobrir novas curas estão sendo corrompidas por fechar nossos olhos a sabedoria popular que nos rodeia?

Ficam essas questões como reflexão aos educadores que possuem o pensamento que ciência só se faz dentro de quatro paredes. A ciência é a própria vida do ser humano, é sua experiência do seu cotidiano.

3.4 Reflexões sobre o Terreiro de Umbanda como espaço de aprendizagem: subsídios para dar suporte a Lei 11.645/2008.

Diante dos resultados alcançados e analisados, podemos evidenciar o espaço do Terreiro de Umbanda como espaço de circulação de saberes, saberes este compartilhados, aprendidos e vivenciados socialmente, através da tradição oral.

Em 2003, foi instaurada a lei 10.639/03, que demuda a Lei de Diretrizes e Bases da Educação 9.394/96. A nova lei estabelece o ensino da História da África e cultura africana, com o intuito de resgatar a importância desse povo na formação da sociedade brasileira e promover um rumo para atingir uma sociedade mais igualitária, combatendo os diversos tipos de preconceito e discriminação (DIRETRIZES CURRICULARES NACIONAIS, 2005).

Em 2008, a lei 10.639/2003, foi alterada para a lei 11.645/2008, estas reformas mantém o ensino da cultura afro, e traz como novidade e complementação o ensino da história e da cultura dos povos indígenas. Este reconhecimento da cultura indígena procura dar importância legal a educação, nas questões de valorização da diversidade, com o objetivo de superar a desigualdade étnico-racial. Reconhecer e dar valor a cultura negra e indígena, é trazer a importância histórica que cada povo tem na formação de nossa sociedade. Com a implementação dessa nova lei, as disciplinas do currículo da educação básica, tem por obrigatoriedade o ensino da cultura afro e indígena em todas as disciplinas do ensino fundamental e médio (GOULARTE; MELO, 2003).

O grande problema na luta pela implementação de debates e discussão das culturas afro e indígena dentro do espaço escolar, deve-se ao preconceito implícito existente fruto da visão europeucêntrica pela qual foi formada a sociedade brasileira. Diante disso percebemos a necessidade de desconstrução dessa ideia hegemônica, pois é perceptível crianças e jovens pertencentes a essa cultura, representada através da religiosidade umbandista.

BREVES CONSIDERAÇÕES

Para chegarmos nessas considerações foi preciso primeiramente conhecer o espaço sócio religioso, suas características e entender as relações sociais entre os sujeitos, para que assim pudéssemos destacar os conhecimentos compartilhados de maneira oral pelas pessoas que vivem a Umbanda e interligá-los com o ensino de ciências.

Nesse sentido foi possível constatar que o Terreiro de Umbanda é de fato um espaço propiciador de conhecimentos e que podem ser vivenciados das mais diversas formas, e que por sua vez, é capaz de ensinar e de aprender ciência partindo dessa realidade vivenciada por crianças, por jovens e por adultos, numa relação dinâmica com os guias espirituais que fazem parte desse contexto religioso.

Em relação à formação das crianças, o terreiro traz consigo uma experiência ímpar na formação da identidade, pois o processo de construção identitária é o próprio reflexo das analogias entre os sujeitos e os aspectos da cultura onde está inserida. As atividades realizadas pelas crianças por mais simples que sejam seus significados são complexos, o fato de acender uma vela, de participarem de festas em homenagem as entidades, são maneiras de manifestação cultural e elementos constituintes da própria identidade religiosa, todos esses pontos contribuem para a maneira de como os sujeitos entendem o mundo ao seu redor.

Observamos assim, que os saberes dentro do terreiro se constroem na própria prática cotidiana, nas relações e na preservação da cultura oral. A manipulação dos elementos da natureza constitui a importância deste meio natural para a vida humana, pois na Umbanda acredita-se que os elementos da natureza são sagrados e essa sacralidade é que nos faz proteger a nossa casa comum - ecologia.

Desse modo, para certificarmos que é possível ensinar ciência, tendo como base os conhecimentos de dentro do Terreiro de Umbanda, evidenciamos um ponto cantado da Cabocla Jurema: “Tanta folha, tanta semente, tanta ciência no pé da Jurema”. Esse ponto sempre emanado nas sessões evidencia uma ciência que considera os conhecimentos tradicionais, conhecimentos repassados de geração a geração por meio da oralidade. Esses conhecimentos são advindos da cultura afro e indígena, preservados e mantidos até os dias atuais, que de certa forma contribui para a formação de uma ciência técnico-científica.

Através desta pesquisa podemos verificar vários aspectos que embasam a necessidade de trabalhar a questão das diferenças culturais de nosso país. Sendo o terreiro de Umbanda um lugar de aspectos multiculturais atribuindo conhecimentos tanto da culturas africana quanto indígena, este trabalho serve como subsídio, para a execução da Lei 11.645/2008.

Trazer este espaço cultural para discussão em ambiente escolar é dar importância às diferenças culturais existentes, bem como perceber os diferentes espaços de aprendizagem. O terreiro de Umbanda engloba pessoas de todas as idades, de diferentes classes sociais. Ele propicia conhecimentos e modelos de aprendizagem que ultrapassam a questão religiosa como: uma criança que aprende a importância das ervas e seu uso, um adulto que ensina o significado das orações e seus efeitos para um perfeito equilíbrio emocional, todos esses subsídios vem com um propósito, que resultaram na formação de identidades.

Ao nosso entender, trazer o terreiro de Umbanda para discussões recorrentes a diferenças culturais e religiosas, contribui para a quebra da visão europeocêntrica da formação da sociedade brasileira. A Umbanda não é uma parte desconhecida da cultura africana e indígena, ao contrário, ela dá importância aos conhecimentos das duas culturas e está em constante diálogo com outros aspectos dessas culturas.

Valorizar esses conhecimentos é respeitar as diferenças sociais, é dar a oportunidade de diálogos construtivos para uma sociedade mais igualitária e a escola possui esse papel de quebrar barreiras e lutar por direitos iguais e uma educação voltada para a valorização do contexto social de cada aluno.

Assim, consideramos que o Terreiro de Umbanda ao ser trazido para debates e conversas dentro do espaço escolar, contribuirá para a quebra de visões etnocêntricas e preconceituosas, pois entendemos que a Umbanda dialoga com as diferenças existentes na sociedade, agregando os valores e os conhecimentos Africanos, Indígenas e Kardecistas.

Ademais, como educadores, quebrarmos quaisquer barreiras que nos coloque uma venda social para a importância da diversidade na atual conjuntura social do país, que nós possamos enxergar a importância do outro na nossa própria formação, e trazer essa rica contribuição como aspectos de aprendizagem dentro do espaço escolar.

REFERÊNCIAS

- ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- AGÊNCIA NACIONAL DE VIGILÂNCIA SANITÁRIA- ANVISA. **Formulário de Fitoterápicos Farmacopeia Brasileira**. 1º edição, 2018.
- ALVES, Rubens. **O que é Religião?** Coleção: Primeiros Passos. Editora Brasiliense. São Paulo, 2008.
- AMARAL, Kelly Pereira. **As construções da Identidade Religiosa da Umbanda através das Perspectivas Sociológicas e Antropológicas**. X Encontro Regional de História – ANPUH-RJ - Universidade do Estado do Rio de Janeiro – 2002.
- AZEVEDO, Janaína. **Tudo o que você precisa saber sobre Umbanda**. Volume 2 – Universo do Livros – São Paulo, 2009.
- BACHELARD, Gaston. **A formação do espírito científico: contribuição para uma psicanálise do conhecimento**. Tradução Esteia dos Santos Abreu. - Rio de Janeiro: Contraponto, 2005.
- BRASIL. **Lei nº 10.639 de 09 de janeiro de 2003**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/2003/L10.639.htm, acesso em 10 de julho de 2009.
- _____. **Lei nº 11.645 de 10 de março de 2008**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2008/Lei/L11645.htm
- _____. **Base Nacional Comum Curricular**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03
- CAPUTO, Stela Guedes. **Educação nos Terreiros: e como a escola se relaciona com crianças de candomblé** – 1º.ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2012.
- CARNEIRO, João Luiz. **Religiões afro-brasileiras: uma construção teológica**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2014.
- CHASSOT, Attico. **Alfabetização científica: uma possibilidade para a inclusão social**. Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Programa de Pós-Graduação em Educação.
- CHIZZOTI, Antônio. **Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais**. São Paulo: Cortez, 2001.
- COHN, Clarice. **Antropologia da Criança**. Rio de Janeiro, Zahar, 2005.
- COSTA, Renilda Aparecida. **Batuque: espaços e práticas de reconhecimento da identidade étnico-racial**. São Leopoldo Casa Leiria, 2017.
- DELGADO, Ana Cristina Carvalho; MULLER, Fernanda. **Em busca de Metodologias Investigativas com Crianças e suas Culturas**. Cadernos de Pesquisa v.35, n125, p.161-179, Maio/Ago, 2005.

DURKHEIM, Émile. **As formas elementares da vida religiosa:** o sistema totêmico na Austrália. Tradução: Paulo Neves. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

ELIADE, Mircea. **O Sagrado e o Profano:** a essência das religiões. Tradução: Rogério Fernandes – São Paulo: Martins Fontes, 1992.

FARIA, Ederson de; SOUZA, Vera Lúcia Trevisan de. **Sobre o conceito de identidade: apropriações em estudos sobre formação de professores Psicologia Escolar e Educacional.** Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional, SP. Volume 15, Número 1, Janeiro/Junho de 2011: 35-42.

FIGUEIREDO, Nébia Maria Almeida. **Método e Metodologia na Pesquisa Científica.** 3ª ed. São Caetano do Sul, SP: Yendis Editora, 2008.

GEERTZ, Clifford. **Religion as a cultural system.** in Michael Banton (ed.), *Anthropological approaches to the study of religion*, London, Tavistock, pg. (1-46). 1996.

GERMANO, Marcelo Gomes; FEITOSA Samuel dos Santos. **Ciência e senso comum:** concepções de professores universitários de física. *Investigações em Ensino de Ciências* – V18(3), pp. 723-735, 2013.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa** - 4. ed. - São Paulo : Atlas, 2002.

GRAUE, M. Elizabeth; WALSH, Daniel J. **Investigação Etnográfica com Crianças:** teorias, métodos e ética. Tradução: Ana Maria Chaves. Fundação Calouste Gulbenkan – Lisboa, 2003.

Hall, Stuart. **A identidade cultural na pós modernidade.** 11 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

JACOBUCCI, Daniela Franco Carvalho. **Contribuições dos Espaços Não-Formais de Educação para a Formação da Cultura Científica.** Revista em extensão, Uberlândia, V. 7. Minas Gerais, 2008.

JUNIOR, Ademir Barbosa. **O livro essencial de Umbanda.** Universo dos livros- São Paulo, 2014.

JURUÁ, Carlos. **O Ritual do Rosário das Santas Almas Benditas:** A presença da Irmandade dos Semiombas e dos Sakáangás na Umbanda. São Caetano/ São Paulo, 2011.

KRAMER, Sônia. **Autoria e autorização:** questões éticas na pesquisa com crianças. *Cadernos de Pesquisas*, n. 116, p.41- 59, julho/ 2002.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica** - 5. ed. - São Paulo : Atlas 2003.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura:** um conceito antropológico. 14.ed. — Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2001.

MARTINS, Júlia Ritez. **Encantaria e o Infantil na Umbanda.** *Revista Religare* 9 (1), 102-112, Março de 2012.

MIRANDA, Antonio. **Sociedade da informação: globalização, identidade cultural e conteúdos.** Ci. Inf., Brasília, v. 29, n. 2, p. 78-88, maio/ago. 2000.

NORONHA, Evelyn Lauria. **As crianças perambulantes-trabalhadoras, trabalhadoras - perambulantes nas feiras de Manaus:** um olhar a partir da Sociologia da Infância. Universidade do Minho- Portugal, 2010.

ORMONDE, Alexandre. **Uso das Ervas:** Um Conhecimento Milenar. Colégio Tenda de Umbanda – Apostila Ervas Sagradas - Ensino religioso. Bahia, 2017.

PALEARI, Giorgi. *As religiões tradicionais, religiões Afro-brasileiras.* In: **Revista Religiões.** Volume II. São Paulo: Editora Mundo e Missão, 1999.

PEREIRA, Rita Marisa Ribes. **Um pequeno mundo inserido num mundo maior.** In: Pereira, Rita Marisa Ribes; MACEDO, Nélia Mara Rezende (orgs.). *Infância em pesquisa.* Rio de Janeiro: Nau, 2012.

QUEIROZ, Ricardo Moreira de; TEIXEIRA, Hebert Balieiro; VELOSO, Ataiany dos Santos; TERÁN, Augusto Fachín; QUEIROZ, Andrea Garcia de. **A caracterização dos espaços não formais de educação científica para o ensino de ciências.** Rev. ARETÉ | Manaus | v. 4 | n. 7 | p.12-23 | ago-dez | 2011.

RIVAS NETO, Francisco. **Escolas das Religiões afro-brasileiras:** tradição oral e diversidade. São Paulo: Arché editora, 2012.

SANTOS, José Luís dos. **O que é cultura?** Coleção primeiros passos. 6ºed - Editora brasiliense. São Paulo, 2008.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Um discurso sobre as ciências.** 2.ed. São Paulo: Cortez, 2004.

SANTOS, Joyce Silva dos; ALMEIDA, Carlos Cristiano Oliveira de Faria. **Plantas Medicinais Fitoterapia:** uma ciência em expansão. Instituto Federal De Educação, Ciência e Tecnologia de Brasília, Editora IFB- Brasília, 2016.

SARMENTO, Manuel Jacinto; PINTO, Manuel. **As crianças e a infância:** definindo conceitos, delimitando o campo. Instituto de Estudos da Criança, da Universidade do Minho. 2010.

SCOTT, John. **Sociological theory.** Contemporary debates, Cheltenham, Edward Elgar Publishing. 1997.

SILVA, Vagner Gonçalves da. **Candomblé e Umbanda:** caminhos as devoção brasileira. Editora Ática – São Paulo: 1994.

SILVA. Thaiany Guedes da. **A didática das ciências e seus processos cognitivos para o ensino-aprendizagem.** EDUECE- Livro 100211. PPGE FCT/UNESP Campus de Presidente Prudente, 2018.

SIMAS, Daiana Leão. **Riscos e Rabiscos:** a contribuição do desenho infantil para a Alfabetização. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade do Estado da Bahia. Departamento de Educação. Colegiado de Pedagogia. Campus I, Salvador: 2011.

TRIVIÑOS. Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à Pesquisa em Ciências Sociais:** a pesquisa qualitativa em educação. – 1.ed. – 23. reimpr. – São Paulo: Atlas, 2008.

APÊNDICE A– TERMO DE CONSENTIMENTO DE DEPOIMENTO E USO DE IMAGEM

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS – UEA
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE PARINTINS – CESP**

TERMO DE CONSENTIMENTO DE DEPOIMENTO E USO DE IMAGEM

NOME DA CRIANÇA: _____

IDADE: _____

ENDEREÇO: _____

OBJETO: Entrevista gravada, fotografia, filmagem exclusivamente para o Curso de Pedagogia da Universidade do Estado do Amazonas. **DA PARTICIPAÇÃO:** Autorizo meu/minha filho (a) participar da pesquisa: **“O TERREIRO DE UMBANDA “JANAÍNA E OGUM BEIRA-MAR” COMO LÓCUS PROPICIADOR DO ENSINO DE CIÊNCIAS: UMA EXPERIÊNCIA COM CRIANÇAS EM ESPAÇO NÃO-FORMAL”**.

Esta pesquisa se realizará no período de Agosto de 2017 a Novembro de 2018, com observação participante em atividades realizadas na própria área pesquisada, Parintins-Amazonas. **DO USO:** Autorizo o uso da Universidade do Estado do Amazonas- Curso Pedagogia sito à Estrada Odovaldo Novo, 979, 69.152-320 – Djard Vieira Parintins- AM, sem quaisquer restrições quanto aos seus efeitos patrimoniais e financeiros e plena propriedade e os direitos autorais do depoimento de caráter histórico e documental que minha/meu filho (a) prestará ao pesquisador Roberlan Melo da Silva. A universidade do Estado do Amazonas- Centro de Estudos Superiores de Parintins, fica conseqüentemente autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, o mencionado depoimento, no todo ou em parte, editado ou não, com ressalva de sua integridade e indicação de fonte e autor.

Parintins-AM, ____ de _____ de 2018.

Assinatura do pai e/ou responsável pela criança.

Assinatura da criança participante da pesquisa.

ANEXOS



GOVERNO DO ESTADO DO AMAZONAS

Ofício nº 017/2017 – CESP/UEA-CPP. Parintins, 22 de agosto de 2017.


De: Francisca Kella de Freitas Amoedo
Coordenadora do Curso de Pedagogia – CESP/UEAPara: Carmem Ruth Evangelista Ferreira
Responsável do Terceiro de Umbanda "Janaína e Ogum Beira – Mar"

Senhora Responsável,

Ao cumprimentar cordialmente Vossa Senhoria, encaminho ROBERLAN MELO DA SILVA matrícula (1427120030) acadêmico do curso de Licenciatura em Pedagogia do Centro de Estudos Superiores de Parintins, na Universidade do Estado Amazonas – CESP/UEA, para coletar, observar e pesquisar dados referente ao trabalho de conclusão de Curso TCC, com o Tema: "O TERREIRO DE UMBANDA JANAÍNA E OGUM BEIRA COMO LOGO PROPICIADOR DO ENSINO DE CIÊNCIAS: UMA EXPERIÊNCIA COM CRIANÇAS" sob responsabilidade do professor Mestre Renner Douglas Gonçalves Dutra, essa pesquisa se dará no período de agosto de 2017 a novembro de 2018, sendo que nesse período o referido acadêmico estará aplicando oficinas.

Esperando contar com seu apoio e compreensão, reitero votos de elevada estima e distinguida consideração.

Respeitosamente


 Francisca Kella de Freitas Amoedo
 Coordenadora Pedagógica do Curso de Pedagogia
 CESP/UEA

Recebido em 22 agosto de 2017
 Carmem Ruth Evangelista Ferreira